ABRAÇANDO A VULNERABILIDADE PARA SER UM SINAL DA TERNURA DE DEUS

UNIÃO INTERNACIONAL
DAS SUPERIORAS GERAIS

Número 177 - Abril 2022

ABRAÇAR A VULNERABILIDADE PARA SER SINAL DA TERNURA DE DEUS

Boletim UISG **Número 177, 2022**

Apresentação 3

"Para Toda a Terra" (1 Cor 10, 26):
Missão e o Reino de Deus 5
Ir. Laurie Brink, OP

Rumo à cultura da Salvaguarda (Proteção): uma mudança de rumo.
A definição de cultura de Cunningham
como uma chave para interpretar a cultura da Salvaguarda 22
Dra. Angela Rinaldi

Formação holística de líderes
de congregações religiosas para a missão
num mundo em rápida mudança 31
Ir. Chinyeaka C. Ezeani, MSHR

Para ser uma História da Ternura de Deus 48
P. Carlos del Valle, SVD

A Vida na UISG 57

Staff 60

APRESENTAÇÃO

Na escolha dos artigos deste número do Boletim, como no anterior, procuramos preparar o caminho para a celebração da Assembleia Plenária da UISG de 2022, que terá como tema: *"Abraçar a vulnerabilidade no caminho sinodal".*

Abraçar a nossa vulnerabilidade e a dos outros, sejam eles nossos irmãos e irmãs mais próximos, como nossas comunidades e famílias, ou os pequeninos, os indefesos, a criação... antes de tudo nos torna pessoas mais humanas, mais conscientes da necessidade que temos uns dos outros.

A vulnerabilidade é a via principal que nos leva à solidariedade e nos coloca em contato com aquela força interior que nos sustenta e nos ajuda a apoiarmo-nos mutuamente em momentos de crise, como a que estamos vivendo. Cada pessoa torna-se sinal da ternura de Deus à medida que escuta as necessidades dos outros e acolhe com amor as suas fragilidades, como o Senhor faz conosco, abraçando a nossa humanidade.

A vulnerabilidade é, de fato, *"um espaço precioso de encontro, de cuidado, para deixar fluir a Graça e a bondade recíproca. Sentimos a necessidade de reconhecê-la e poder falar sobre ela tanto quando a experienciamos presente no mundo, especialmente nos mais necessitados, nos mais sofredores, tanto quando a experienciamos em nossas congregações de várias maneiras, assim como quando a experimentamos em nosso serviço de liderança. Sabemos que quando nos sentimos vulneráveis, qualquer manifestação de cuidado pode ser vital. Na fragilidade sentimos que Deus se faz ainda mais presente no seu mistério de humanidade sofredora do Filho de Deus, que se inclina diante das chagas da humanidade. Nós nos sentimos pessoas abraçadas por Ele e isso nos torna capazes de abraçar uns aos outros."* (Ir. Jolanta Kafka, RMI, Presidente da UISG).

Ir. Laurie Brink, OP

"Para Toda a Terra" (1 Cor 10, 26): Missão e o Reino de Deus

Talvez o primeiro passo para pensar em toda a Terra seja prestar atenção. Os incêndios na Amazônia, a seca na Austrália, as enchentes nos Estados Unidos, os tufões nas Filipinas, as erupções vulcânicas na Nova Zelândia não estão acontecendo com essas pessoas e aquelas terras ali. Nós somos "aquelas pessoas" e a interconectividade de toda a criação significa que compartilhamos o sofrimento. As palavras de São Paulo nunca foram tão verdadeiras: "Sabemos que toda a criação geme em dores de parto até agora" (Rm 8,22). Como que se parece uma ética da Nova Cosmologia e da consciência evolucionária? Além de prestar atenção, como nos engajamos no "Pensamento da Terra Inteira"?

Dra. Angela Rinaldi

Rumo à cultura da Salvaguarda (Proteção): uma mudança de rumo.

A definição de cultura de Cunningham como uma chave para interpretar a cultura da Salvaguarda

Falar de um fenômeno tão ressonante como o do abuso de menores e de pessoas vulneráveis, é necessário, pelo menos, referir alguns princípios fundamentais para melhorar o que cada cultura particular pode desempenhar em termos de prevenção. Em primeiro lugar, o princípio da dignidade da pessoa humana. A cima de tudo, é preciso dizer que se refere à natureza de cada homem, mulher e criança e que não pode se referir a aspectos externos da pessoa: é o valor intrínseco que todo ser humano tem como sendo criado à imagem de Deus ou como pessoa. Desse valor fala não só o magistério católico, aliás dedicando-lhe todo um capítulo da *Gaudium et spes* (nºs 12-23), mas também a filosofia e a ética secular.

Ir. Chinyeaka C. Ezeani, MSHR

Formação holística de líderes de congregações religiosas para a missão num mundo em rápida mudança

Uma pergunta pessoal importante que toda líder religiosa precisa fazer a si mesmo com frequência e responder honestamente é "Onde está meu coração?" Como líder, o que é importante e realmente importante para mim?" Jesus afirmou claramente que onde estiver o tesouro de uma pessoa, aí estará o seu coração (cf. Mt 6,21). Se o coração está nos valores que Cristo expressou por meio da vida consagrada, o interesse e a atenção da pessoa estarão nesses valores e em vivê-los. No entanto, se o coração está centrado nos assuntos mundanos, a pessoa é orientada por isso. É improvável que este último leve a um maior amor a Deus e ao próximo e a uma vida autêntica dos valores religiosos. Perseguir e abraçar abertamente os assuntos deste mundo pode levar a uma perda de significado na vida religiosa e na essência do serviço de liderança. Portanto, é fundamental que as líderes tenham o coração no lugar certo, pois é isso que norteará suas decisões e ações.

P. Carlos del Valle, SVD

Para ser uma História da Ternura de Deus

Acolher o Pai, fonte de vida, beleza e bondade, e acolher o irmão. Aceitar o Reino é viver de Deus e dos irmãos, com eles e para eles. Há religiosos que permitem que esse dinamismo transformador do Reino entre em suas vidas como uma bênção para todos. Bem-aventurados os religiosos que entraram no sonho de Deus. A Igreja oferece sua verdade não como um sistema de dogmas, mas como um caminho de ternura. Ternura é sensibilidade, atenção e cuidado. Religioso é aquele que realiza a verdade no amor. A verdade sem amor mata. O amor sem verdade é estéril. Pergunte a si mesmo se sua comunidade é uma elite de puros e resistentes ou uma caravana que recebe com ternura a dor e os questionamentos.

“PARA TODA A TERRA” (1 COR 10, 26): MISSÃO E O REINO DE DEUS*

Irmã Laurie Brink, OP

Irmã Laurie Brink é uma irmã dominicana de Sinsinawa. Ela é professora de Estudos do Novo Testamento na Catholic Theological Union em Chicago e editora associada da The Bible Today.

Original em inglês

Uma revisão dos fundamentos bíblicos e teológicos de nosso chamado para a missão demonstra que o desenvolvimento de uma ecologia integral, em nome de nossa casa comum, é um imperativo cristão.

Introdução

Há alguns anos, a moda era usar pulseiras de silicone com um tema específico: pulseiras cor-de-rosa para a conscientização do câncer de mama; vermelha para conscientização sobre a AIDS; as amarelas para Vida Forte LiveStrong. Uma popular entre os adolescentes dizia: WWJD - What would Jesus do /O que Jesus faria? O objetivo do acessório não era tanto anunciar o conhecimento do Evangelho, mas lembrar ao usuário que, ao se deparar com uma situação difícil, ele ou ela deveria se fazer essa pergunta - O que Jesus faria? - antes de responder. À medida que nós, religiosas com votos, exploramos nossas respostas à Plataforma de Ação Laudato Si, a pergunta é boa. O que Jesus faria? Quer você tenha um alto conhecimento de Cristologia ou um mais simples, como religiosas professas, somos obrigadas a nos fazer esta pergunta. Mas, considerando nosso crescente entendimento da cosmologia e da evolução, outra pergunta exige uma resposta: *Por que* Jesus faria o que fez? Como entendemos a motivação de Jesus para a missão num universo inacabado e emergente? Depois de ponderarmos essas questões, ficamos com outra: Qual é a nossa motivação de fazer o que fazemos, hoje?

***** Este artigo é um excerto de *The Heavens are Telling the Glory of God* (Os Céus estão a Contar a Glória de Deus): Um Capítulo Emergente para a Vida Religiosa. Ciência, Teologia, Missão (Imprensa Litúrgica, 2022).

Por que Jesus Faria o que Fez?

Em seu batismo, Jesus tem uma profunda experiência espiritual na qual ele reconhece que é o filho amado de Deus (Marcos 1, 9-11). Após a prisão de João, algo sinaliza a Jesus que agora ele deve agir em sua filiação, assumindo a obra de seu pai, "proclamando as boa nova de Deus" (Marcos 1, 14-15). Como o evangelista Marcos apresenta, Jesus não proclama o Evangelho de Jesus, mas o Evangelho de Deus. O apóstolo Paulo deixou isso explícito em sua carta aos Romanos: "Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, colocado a parte para o Evangelho de Deus" (Rm 1, 1).

O que é esse Evangelho, a Boa Nova de Deus? Com base nas Escrituras Hebraicas - as Escrituras que Jesus conhecia - a Boa Nova é que Deus é fiel às promessas de Deus. Mas quais são essas promessas? A primeira ocorre em Gênesis 9, 8-17:

> Disse também Deus a Noé, e a seus filhos com ele: Eis que eu estabeleço o meu pacto convosco e com a vossa descendência depois de vós, e com todo ser vivente que convosco está: com as aves, com o gado e com todo animal da terra; com todos os que saíram da arca, sim, com todo animal da terra. Sim, estabeleço o meu pacto convosco; não será mais destruída toda a carne pelas águas do dilúvio; e não haverá mais dilúvio, para destruir a terra. E disse Deus: Este é o sinal do pacto que firmo entre mim e vós e todo ser vivente que está convosco, por gerações perpétuas: O meu arco tenho posto nas nuvens, e ele será por sinal de haver um pacto entre mim e a terra. E acontecerá que, quando eu trouxer nuvens sobre a terra, e aparecer o arco nas nuvens, então me lembrarei do meu pacto, que está entre mim e vós e todo ser vivente de toda a carne; e as águas não se tornarão mais em dilúvio para destruir toda a carne. O arco estará nas nuvens, e olharei para ele a fim de me lembrar do pacto perpétuo entre Deus e todo ser vivente de toda a carne que está sobre a terra. Disse Deus a Noé ainda: Esse é o sinal do pacto que tenho estabelecido entre mim e toda a carne que está sobre a terra."

Deus faz uma aliança com o mundo criado. Nove vezes as frases, "toda criatura vivente" (vv. 10, 12, 15, 16) e "toda carne" (v. 11, 15 [duas vezes], 16, 17) são repetidas. Com a primeira introdução no versículo 10, Deus deixa claro o que está incluído em "toda criatura vivente": "os pássaros, os animais domésticos e todos os animais da terra com você". A aliança também se estende "à terra" (v. 13). "Isso é incrível. Deus faz uma aliança eterna com todos os seres vivos de todos os tipos de carne, sejam peludos, com penas ou barbatanas, estabelecendo um pacto 'entre mim e toda a carne que está na terra'.[1] "O primeiro compromisso unilateral que Deus faz é com todos as criaturas da Terra - não só as humanas - e com a própria Terra, reafirmando o que havia sido afirmado no próprio alvorecer dos atos criativos de Deus: "Deus viu tudo o que [Deus] havia feito e, de fato, era muito bom" (Gn 1, 31). Como Dianne Bergant, CSA, reconhece: "Esta conexão de toda a criação natural é encontrada em outras passagens do Antigo Testamento, sugerindo que o tema não foi limitado a um ou dois períodos da história israelita."[2]

Mais tarde, Deus fará uma aliança com uma família específica de Abraão e Sara (Gn 12, 1-3), com Moisés e o povo (Êxodo 19 e 24) e com o Rei Davi e seus herdeiros (2 Sm 7, 8-17) O profeta Jeremias falará de uma nova aliança que Deus escreverá em nossos corações:

> Não será como o pacto que fiz com seus ancestrais quando os tomei pela mão para tirá-los da terra do Egito - pacto que eles quebraram, embora eu fosse seu marido, diz o Senhor. Mas esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a minha lei neles e a escreverei em seus corações; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. (Jr 31, 32-33)

O termo hebraico *hesed* capta a amplitude e a profundidade do compromisso de Deus com o relacionamento e a confiabilidade inabalável. Aparece 249 vezes no Antigo Testamento, frequentemente traduzido como "amor constante", como nesta passagem de Isaías.

> Isso é como os dias de Noé para mim:
> Assim como jurei que as águas de Noé
> nunca mais inundariam a terra,
> então eu jurei que não ficarei bravo com você
> e não vou repreendê-lo.
> Pois as montanhas podem partir
> e as colinas serem removidas,
> mas meu amor *constante* não se afastará de você,
> e minha aliança de paz não será removida,
> diz o Senhor, que tem compaixão de você. (Is 54, 9-10; itálico adicionado)

Quando chegamos ao Novo Testamento, o amor compassivo de Deus está encarnado em Jesus e a fidelidade de Deus é eterna. "O que aprendemos sobre Deus com Jesus não é contrário ao que já havia sido revelado sobre a benevolência e a fidelidade de Deus através da história e das escrituras de Israel."[3] O apóstolo Paulo afirma diretamente em 1 Coríntios 1, 9: "Deus é fiel", *pistos ho theos*. Esses *hesed* e *pistis* divinos, quando vistos pelas lentes da escatologia, tornam-se o reino vindouro de Deus.

> Considerando que originalmente os profetas apresentaram uma visão de uma terra renovada e restaurada e de um povo neste mundo, ao longo do tempo essas antigas profecias foram vistas como sugestões de uma mudança muito mais radical, quando Deus não apenas restauraria Israel, mas derrotaria todas as manifestações do caos e do mal que atormentaram não apenas Israel, mas o mundo inteiro. Essas expectativas eram especialmente importantes em tempos de perseguição, quando os judeus fiéis precisavam de garantias de que sua fidelidade e até mesmo o martírio fossem vistos e apreciados por Deus, que os recompensaria, não nesta vida, mas na próxima.[4]

O Evangelho de Marcos está claramente imbuído desse sentido de escatologia, e o Jesus marcano é retratado como o Messiânico Filho do Homem (Marcos 2,10, 28; 8,31, 38; 9,12, 31; 10,33, 45; 13,26; 14,21, 41, 62; 15,30) que anuncia o momento inicial do reinado de Deus. O grego é *kairós* e denota a exatidão do tempo, o momento crítico para agir. Tudo o que Jesus faz no Evangelho de Marcos visa afirmar sua autoridade como Filho do Homem (Marcos 2,10) e confirmar o *kairós* do reinado de Deus: os possuídos pelo espírito são libertos (Marcos 1, 23-27; 5, 2-19; 9, 17-27), os doentes e enfermos são curados (1, 30-31; 3, 1-6; 5, 25-34; 6, 54-56; 7, 29-30), os leprosos são purificados (1, 40-45), o paralítico anda (2, 3-12), os cobradores de impostos e pecadores são bem-vindos (2,15), o mar é acalmado e dominado (4, 37-39; 6, 48- 51); os mortos são ressuscitados (5: 35-42), os famintos são alimentados (6: 35-44 8: 2-9), os surdos ouvem (7: 32-35) e os cegos veem (8, 22-26; 10, 46-52). Jesus contextualizou as suas ações: "Porque o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos" (Marcos 10,45). Não é de admirar que o centurião na cruz declare na morte de Jesus: "Verdadeiramente este homem era filho de Deus!" (Marcos 15,39).

Uma Visão Evolucionária do Reino de Deus

Lendo os Evangelhos através de uma lente evolucionária, descobrimos que a própria criação foi uma fonte de inspiração para Jesus. Dos ditos de Jesus mais frequentemente considerados autênticos, as metáforas de Jesus são tiradas do mundo natural. Jesus fala sobre sementes e solo (Marcos 4, 3-8), os pássaros do ar que não trabalham e ainda são

alimentados (Lucas 12,24; Mateus 6,26), um boi infeliz em um poço (Lucas 14, 4), o potencial de sementes de mostarda (Marcos 4, 30-32; Lucas 13, 18-19; Mateus 13, 31-32), a produção de um campo de lírios (Lucas 12,27; Mateus 6, 28- 30), o valor dos pardais (Lucas 12, 6; Mateus 10,29), cães famintos na hora do jantar (Marcos 7, 27-28; Mateus 15, 26-27), cães consoladores (Lucas 16,21) e ovelhas - muitas e muitas ovelhas. Existem ovelhas sem pastores (Marcos 6,34; Mateus 9,36), ovelhas entre os lobos (Mateus 10,16, João 10,12), o valor das ovelhas (Mateus 12,12), ovelhas perdidas (Mateus 15,24; Lucas 15, 4; Mateus 18,12), a diferença entre ovelhas e cabras (Mateus 25,32), ovelhas dispersas (Marcos 14,27; Mateus 26,31), ovelhas sacrificais (João 2,14), dar a vida de uma pessoa pelas ovelhas (João 10,15), ovelhas obedientes (João 10,27) e alimentação das ovelhas (João 21,17).

Embora essas múltiplas metáforas tiradas da natureza possam ter funcionado bem em uma sociedade agrária, o próprio Jesus não era um agricultor. Ele também não era pescador, mas falava de pesca. Jesus é descrito como um carpinteiro (Marcos 6, 3) de Nazaré (Marcos 1, 9), uma pequena aldeia judia não muito longe da cidade de Séforis. E, no entanto, esse Jesus "deu ouvidos" ao mundo criado mais amplo ao seu redor. Ele prestou atenção e viu uma conexão direta entre a obra da natureza e a providência de Deus.

> O reino de Deus é como se alguém espalhasse a semente no chão, e dormisse e se levantasse à noite e durante o dia, e a semente germinasse e crescesse, sem saber como. A terra produz por si mesma, primeiro o caule, depois a espiga, depois o grão inteiro na espiga. Mas quando o grão está maduro, ele entra imediatamente com sua foice, porque a hora da colheita chegou. (Marcos 4, 26-29)

O reino de Deus que Jesus pregou, como atestam suas parábolas, está, ao mesmo tempo, enraizado na criação e ainda assim evoluindo. Jesus entendeu e agiu em seu papel único em estimular o início daquele reinado (Marcos 10,45). Mas a morte de Jesus não anuncia a conclusão do reino. Em vez disso, Jesus descreve a sua partida como "preparando um lugar" para seus discípulos, para que "onde eu estiver, vós também estejais" (João 14, 3). No início de Atos dos Apóstolos, os discípulos desejam saber se agora - com sua ressurreição - Jesus restaurará o reino. "Não compete a vocês saber os tempos ou períodos" (Atos 1, 7). O cânone bíblico termina aguardando uma visão ainda não realizada de um novo céu e uma nova terra (Ap 21, 1).

O agora e ainda não do reino de Deus é semelhante ao entendimento de Teilhard de Chardin do processo em direção à Cristogênese e ao Ponto Ômega, aquele ponto em que os humanos individualmente e em comunidade encontram seu fim e realização.[5] Como Teilhard de Chardin apresentou, o apelo do Evangelho significa "retornar ao mundo com uma nova visão e uma convicção mais profunda para tomar Cristo no coração da matéria e promover Cristo na universalidade de sua encarnação."[6] Através de uma lente teológica, "o objetivo da evolução é que Deus se manifeste no mundo e o mundo alcance sua unificação final em Deus."[7] Só então o reino de Deus está completo. À luz da aliança de Deus em Gênesis 9, esta unificação final incluirá toda a criação. Assim, embora dirigido ao homem, primeiro pelo Encarnado e depois pelos seus discípulos, o Evangelho é também uma boa notícia para o mundo criado. De que outra forma poderíamos entender Romanos 8?

> Pois a criação espera com grande anseio pela revelação dos filhos de Deus; pois a criação foi submetida à futilidade, não por sua própria vontade, mas pela vontade daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação seja libertada de sua escravidão à decadência e obtenha a liberdade da glória dos filhos de Deus. Sabemos que toda a criação está gemendo em dores de parto até agora. (Rom 8, 19-22)

O florescimento das criaturas e da criação é a realização da Boa Nova, uma vez que "toda criatura com suas relações é mantida em existência pelo mesmo vivificador doador de vida; e no final todos serão reunidos nos novos céus e na nova terra."[8] Em seu livro*, Creation and the Cross/A Criação e a Cruz*, Elizabeth Johnson, CSJ, descreve a relação de Deus com a criação como de acompanhamento.

> Trazendo a criação para o quadro, não é difícil ver como tal teologia de acompanhamento também pode abarcar o mundo natural. A ciência de hoje deixou bem claro que a relacionalidade profunda permeia todo o cosmos. Graças à evolução da vida, os seres humanos estão geneticamente relacionados em parentesco com todas as outras espécies em nosso planeta, e toda esta comunidade viva é composta de materiais químicos disponíveis a partir de destroços deixados pela morte de uma geração anterior de estrelas. Como John Muir escreveu: "Quando tentamos escolher qualquer coisa por si só, descobrimos que está atrelado a tudo o mais no Universo." Portanto, quando um hino cristão primitivo canta que Cristo é "o primogênito de toda a criação" e, novamente, "o primogênito dos mortos" (Colossenses 1, 15-18), podemos ver não apenas os humanos mortos, mas também os mortos de toda a criação, todas as espécies, incluídas.[9]

É precisamente por causa dessas relações e da interconexão entre toda a criação, que Johnson insiste em uma teologia do acompanhamento na qual somos convertidos do antropocentrismo em uma solidariedade planetária.[10]

O reino de Deus visto através da Cristogênese evolucionária de Teilhard de Chardin e da teologia de acompanhamento de Johnson provoca uma nova compreensão da missão e, portanto, do ministério em um universo inacabado, uma compreensão que reconhece a necessidade de uma nova ética que apoie nosso senso de missão em evolução e uma clara declaração de direção.

Criar uma Ética Evolucionária

No processo evolutivo, a dor, a morte e a extinção em massa são companheiros preocupantes, mas necessários de inovação, vida e complexidade. No entanto, esses "males naturais"[11] deixam um rastro de sofrimento em seu caminho. Mas nem toda dor, morte e extinção na criação é realmente o resultado da evolução. Bem, não diretamente. Parece que os seres humanos, o chamado pináculo do processo evolutivo, estão ativamente engajados no cosmocídio, a destruição desenfreada do mundo criado.

Caso em questão:

- Nos últimos 500 anos, 322 animais foram extintos, o que os cientistas atribuem a causas humanas.
- Em setembro de 2019, 2,2 milhões de acres da bacia amazônica foram queimados, quase todos os 121.000 incêndios tiveram origem humana - fazendeiros fazendo fogueiras para limpar a terra.
- Após anos de seca induzida pelas mudanças climáticas, no outono de 2019 e no início de 2020, mais de 16 milhões de acres, o tamanho do estado de West Virginia, ardeu em chamas na Austrália. Os relâmpagos em terra brutalmente seca causaram a maioria dos incêndios, mas pelo menos 24 pessoas foram presas por terem acendido alguns incêndios.
- Estima-se que um bilhão de animais perderam suas vidas nos incêndios que devastaram New South Wales e Victoria.
- O ano de 2020 viu destruição semelhante nos Estados Unidos, onde mais de 4,6 milhões de acres foram destruídos por incêndios na Califórnia, Oregon e estado

> de Washington. Enquanto isso, a nomeação de furacões exauriu o alfabeto inglês de 26 letras. "Delta" se tornou a quarta grande tempestade a atingir o Texas, Louisiana e Alabama. Tanto os incêndios quanto os furacões resultaram das mudanças climáticas e da má gestão humana.

Na verdade, os pesquisadores e estudiosos estão corretos em sua avaliação de que estamos vivendo em uma nova época geológica. Nos últimos 12.000 anos, estivemos no Holoceno, o período que começou após a última era do gelo. Mas agora, dizem os cientistas, vivemos no Antropoceno, que descreve a época geológica em que as ações humanas impactam os sistemas planetários. Sam Mickey explica que "O Antropoceno tem o nome de humanos porque é uma época em que os humanos têm impactos massivos de mudanças na Terra, alterando a química da atmosfera (mudanças climáticas), mudando o DNA (modificação genética) e depositando substâncias não biodegradáveis plástico, isopor e materiais radioativos em todo o planeta."[12]

À medida que continuo esta pesquisa sobre as implicações da ciência e da teologia, sou sacudida para fora de meu espaço acadêmico e envergonhada por meu ativismo letárgico. O novo pensamento teológico extraído de novas descobertas científicas deve levar a novos modos de comportamento. Em outras palavras, a teologia não pode ser divorciada da ética. O que pensamos sobre Deus deve ter implicações em como agimos como filhos e filhas de Deus. E o biólogo evolucionista Julian Huxley argumentou que é nosso destino agir em nome do cosmos:

> A humanidade é aquela parte da realidade na qual e por meio da qual o processo cósmico se tornou consciente e começou a se compreender. [Nossa] tarefa suprema é aumentar essa compreensão consciente e aplicá-la tão completamente quanto possível para guiar o curso dos eventos.[13]

À luz desta consciência evolutiva (nossa consciência avançada de nosso lugar no cosmos e inter-relação com toda a criação), precisamos ir além de simplesmente «pensar

globalmente e agir localmente.» Em vez disso, como Mickey propõe, devemos nos engajar no "Pensamento da Terra Inteira", que soa muito como trabalhar para o reinado de Deus.

> O pensamento da Terra inteira exige sonhos perigosos de emancipação, sonhos de liberdade dos refrões destrutivos de dominação e opressão. Exige uma visão de uma comunidade da Terra mais pacífica, justa e sustentável, uma visão de democracia ecológica participativa.[14]

Talvez o primeiro passo para pensar em toda a Terra seja prestar atenção. Os incêndios na Amazônia, a seca na Austrália, as enchentes nos Estados Unidos, os tufões nas Filipinas, as erupções vulcânicas na Nova Zelândia não estão acontecendo com essas pessoas e aquelas terras ali. Nós somos "aquelas pessoas" e a interconectividade de toda a criação significa que compartilhamos o sofrimento. As palavras de São Paulo nunca foram tão verdadeiras: "Sabemos que toda a criação geme em dores de parto até agora" (Rm 8,22).

O florescimento das criaturas e da criação é a realização da Boa Nova, uma vez que "toda criatura com suas relações é mantida em existência pelo mesmo vivificador doador de vida

Com o que se parece uma ética da Nova Cosmologia e da consciência evolucionária? Além de prestar atenção, como nos engajamos no "Pensamento da Terra Inteira"? Embora usando um vocabulário diferente, este é precisamente o desafio apresentado pelo Papa Francisco em sua encíclica *Laudato Si':*

> É nossa humilde convicção que o divino e o humano se encontram nos mínimos detalhes na vestimenta sem costura da criação de Deus, na última partícula de poeira de nosso planeta. . . Neste universo, moldado por sistemas abertos e intercomunicantes, podemos discernir inúmeras formas de relacionamento e participação. Isso nos leva a pensar no todo como aberto à transcendência de Deus, dentro da qual se desenvolve. A fé nos permite interpretar o significado e a beleza misteriosa do que está se desenvolvendo. Somos livres para aplicar nossa inteligência nas coisas que evoluem positivamente, ou no sentido de acrescentar novos males, novas causas de sofrimento e retrocessos reais. É isso que cria a

emoção e o drama da história humana, na qual a liberdade, o crescimento, a salvação e o amor podem florescer ou levar à decadência e à destruição mútua. O trabalho da Igreja busca não apenas lembrar a todos o dever de cuidar da natureza, mas, ao mesmo tempo, "ela deve, acima de tudo, proteger a humanidade da autodestruição."[15]

A encíclica foi bem recebida nas comunidades ecumênicas, inter-religiosas e científicas, embora não por todas. Quando o presidente americano e negador das mudanças climáticas, Donald Trump, se reuniu com o Papa em 2017, o pontífice presenteou o presidente com sua própria cópia assinada. O trabalho de 192 páginas clamava por uma "ampla revolução cultural". James Martin, SJ, enumerou dez aspectos significativos do documento:

1. *A perspectiva espiritual agora faz parte da discussão sobre o meio ambiente*. "A encíclica fundamenta firmemente a discussão em uma perspectiva espiritual e convida outros a ouvir um ponto de vista religioso, particularmente sua compreensão da criação como um dom sagrado e precioso de Deus a ser reverenciado por todos os homens e mulheres."
2. *Os pobres são desproporcionalmente afetados pelas mudanças climáticas*. "O Papa afirma que o foco nos pobres é um dos temas centrais da encíclica, e ele fornece muitos exemplos funestos dos efeitos da mudança climática, cujos 'piores impactos' são sentidos por aqueles que vivem nos países em desenvolvimento."
3. *Menos é mais.* "Laudato Si 'também diagnostica uma sociedade de 'consumismo extremo' em que as pessoas são incapazes de resistir ao que o mercado coloca diante delas, a terra é saqueada e bilhões ficam empobrecidos (nº 203)."
4. *O ensino social católico agora inclui o ensino sobre o meio ambiente.* "Contra aqueles que argumentam que uma encíclica papal sobre o meio ambiente não tem autoridade real, o Papa Francisco declara explicitamente que Laudato Si " agora é adicionado ao corpo do ensinamento social da Igreja '(nº 15)."
5. *As discussões sobre ecologia podem ser baseadas na Bíblia e na tradição da igreja.* "Em uma visão geral magistral, o Papa Francisco traça o tema do amor pela criação tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Ele nos lembra, por exemplo, que Deus, em Jesus Cristo, se tornou não apenas humano, mas parte do mundo natural."
6. *Tudo está conectado - incluindo a economia*. "O Papa Francisco relaciona uma 'concepção mágica do mercado', que privilegia o lucro sobre o impacto sobre os pobres, com o abuso do meio ambiente (nº 190).
7. *A pesquisa científica sobre o meio ambiente deve ser elogiada e utilizada*. "Enquanto as outras grandes encíclicas sociais católicas analisavam questões como capitalismo, sindicatos e salários justos, Laudato Si 'baseia-se tanto no ensino da Igreja quanto nas descobertas contemporâneas de outros campos - particularmente da ciência, neste caso - para ajudar as pessoas de hoje a refletir sobre estas questões."
8. *A indiferença e o egoísmo generalizados agravam os problemas ambientais*. "No mundo de Laudato Si' não há espaço para egoísmo ou indiferença. Não se pode cuidar do resto da natureza 'se nossos corações carecem de ternura, compaixão e preocupação pelos nossos semelhantes' (nº 91)."

9. *O diálogo global e a solidariedade são necessários*. "O papa convoca ao diálogo e debate 'todas as pessoas' sobre nossa 'casa comum' (nº 62, 155). Um diálogo global também é necessário porque não há 'receitas uniformes'."

10. *É necessária uma mudança de coração*. "Podemos despertar os nossos corações e caminhar para uma 'conversão ecológica' na qual vemos a ligação íntima entre Deus e todos os seres, e mais prontamente ouvir o 'grito da terra e o grito dos pobres' (nº 49)."[16]

Como Amy Hereford, CSJ, observa em *Beyond the Crossroads: Religious Life in the 21st Century/ Além da Encruzilhada: Vida Religiosa no Século 21*, Laudato Si 'frequentemente usa "Nossa Casa Comum" como uma metáfora e uma realidade. O termo "aponta para a profunda unidade de toda a criação e a importante conexão que todos nós compartilhamos como parte da comunidade natural."[17] Com base no trabalho de cientistas e ambientalistas, o Papa Francisco escreve:

Somos compelidos a fazer o "Pensamento da Terra Inteira" e ver como a devastação da Terra tem efeito direto sobre aqueles que são marginalizados e empobrecidos.

Precisamos apenas dar uma olhada franca nos fatos para ver que nossa casa comum está caindo em sério abandono. A esperança nos faria reconhecer que sempre há uma saída, que sempre podemos redirecionar nossos passos, que sempre podemos fazer algo para resolver nossos problemas. Ainda assim, podemos ver sinais de que as coisas estão chegando a um ponto de ruptura, devido ao rápido ritmo de mudança e degradação; estes são evidentes em desastres naturais de grande escala, bem como em crises sociais e até financeiras, pois os problemas do mundo não podem ser analisados ou explicados isoladamente. Existem regiões agora em alto risco e, à parte todas as previsões do fim do mundo, o sistema mundial atual é certamente insustentável de vários pontos de vista, pois paramos de pensar sobre os objetivos da atividade humana. "Se examinarmos as regiões de nosso planeta, veremos imediatamente que a humanidade desapontou as expectativas de Deus" [Citando o Papa João Paulo II, "Audiência Geral", 17 de janeiro de 2001.].[18]

Quer chamemos isso de "Pensamento da Terra inteira" ou "cuidado com nossa casa comum", o mal natural que acompanha a evolução e a criação está sendo acelerado e amplificado por um mal social e moral violento. Não é apenas o Papa Francisco que apela à ação. A própria Terra grita.

> Essas situações têm feito com que a irmã terra, junto com todos os abandonados de nosso mundo, grite, implorando que tomemos outro curso. Nunca magoamos e maltratamos tanto nossa casa comum como nos últimos duzentos anos. No entanto, somos chamados a ser instrumentos de Deus nosso Pai, para que o nosso planeta seja o que ele desejou quando o criou e corresponda ao seu projeto de paz, beleza e plenitude.[19]

Nos séculos XIX e XX, o surgimento de congregações religiosas apostólicas femininas foi uma resposta direta às crises da revolução industrial, imigração, doenças e guerras, uma resposta filtrada por uma teologia particular da vida religiosa. Cerca de duzentos anos depois, nosso entendimento teológico mudou, as necessidades se diversificaram, mas a maneira de atender a essas necessidades ainda exige compromisso, flexibilidade e criatividade. Como o Papa João Paulo II encorajou: "Vocês não têm apenas uma história gloriosa para lembrar e contar, mas *também uma grande história a ser cumprida*! Olhe para o futuro, para onde o Espírito está enviando você para fazer coisas ainda maiores."[20] Não estamos mais construindo instituições; estamos limpando nossa casa comum. Não para salvar nossas almas, mas para salvar nosso planeta.

Missão para um Universo Inacabado

> A vida religiosa deve promover o crescimento da Igreja por meio da atração. A Igreja deve ser atraente. Acorde o mundo! Seja testemunha de uma maneira diferente de fazer as coisas, de agir, de viver! É possível viver de forma diferente neste mundo.[21]

Dois anos depois de seu encontro na União dos Superiores Gerais (USG), o Papa Francisco iniciaria o Ano da Vida Consagrada (30 de novembro de 2014 - 2 de fevereiro de 2016) e promulgaria sua encíclica sobre o meio ambiente (24 de maio de 2015). O momento não é coincidência.

> A encíclica constitui um convite para que os religiosos professos entrem com respeito e coragem no diálogo com outras pessoas de boa vontade. Os frutos da pesquisa científica e as contribuições de diversas tradições religiosas podem levar nossa sociedade pluralista a um consenso sobre a necessidade urgente de ação. O bem comum será aprimorado quando os religiosos derem voz aos pobres e marginalizados. Finalmente, com suas ações, eles oferecerão um testemunho profético sobre o valor da comunhão interpessoal e uma relação ecologicamente sensível com toda a criação.[22]

Com Laudato Si, a missão de Deus, a missão da igreja e a missão dos religiosos estão agora conscientemente vinculadas ao cuidado de nossa casa comum. Enquanto sob o Papa Bento XVI a missão se concentrava na conversão e transmissão da fé, sob o Papa Francisco o propósito, a motivação e o objetivo da missão foram revisados.[23]

> O esclarecimento da missão requer conhecer o Deus de toda a criação. A motivação para a missão se origina no fato de os humanos conhecerem sua verdadeira identidade como pessoas amadas por Deus *na criação e por meio dela.* A correção da missão consiste em acatar a revelação do "Livro da Criação."[24]

Como Dawn Nothwehr, OSF, escreve: "O ponto é que a salvação do Evangelho inclui o bem-estar humano e o bem-estar de toda a criação."[25] Como é uma missão de acompanhamento em um universo evolucionário inacabado? Quem ou o que acompanhamos? Nossa crescente consciência de nosso lugar dentro do mundo criado ampliou nossas preocupações para além da sociedade humana. Somos compelidos a fazer o "Pensamento da Terra Inteira" e ver como a devastação da Terra tem efeito direto sobre aqueles que são marginalizados e empobrecidos. Em Laudato Si', o Papa Francisco afirma que aqueles que são pobres na maioria das vezes sofrem com a degradação de nossa casa comum:

> Na atual condição da sociedade global, onde abundam as injustiças e um número crescente de pessoas privadas dos direitos humanos básicos e consideradas dispensáveis, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, lógica e inevitavelmente, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres de nossos irmãos e irmãs. Esta opção implica reconhecer as implicações da destinação universal dos bens do mundo, mas, como mencionei na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium,* exige antes de tudo uma valorização da imensa dignidade dos pobres à luz das nossas mais profundas convicções de crentes. Basta olhar à nossa volta para ver que, hoje, esta opção é de fato um imperativo ético essencial para a realização eficaz do bem comum. (158)

Como congregações apostólicas, nossos ministérios frequentemente estão em favor dos necessitados. Refletindo sobre os desafios de Laudato Si ', Timothy Scott, CSB, reconheceu que

> os religiosos frequentemente vivem e servem na periferia; em locais onde o meio ambiente é frequentemente degradado; em favelas urbanas e locais sem água potável ou espaços públicos. O caráter internacional de muitas de nossas comunidades significa que temos consciência dos desafios específicos da vida no mundo em desenvolvimento, onde a exploração econômica é frequentemente desenfreada. Em primeiro lugar, precisamos trazer essa consciência da vida nas margens para o primeiro plano dentro de nossas próprias comunidades e, em seguida, para a sociedade em geral.[26]

A Boa Nova de Deus é que a Terra e todas as suas criaturas têm um defensor. Somos nós.

Carisma e Ministério para nossa Casa Comum

A palavra "carisma" vem do grego *charis*, que muitas vezes é traduzido como "graça" ou "favor". Aprendemos com São Paulo que no batismo recebemos os dons do Espírito Santo. Eles são um sinal da plenitude do reino de Deus. Paulo também chama esses de "frutos" e eles incluem amor, alegria, paz, paciência, bondade, generosidade, fidelidade (Gl 5,22). Embora esses dons sejam diferentes, eles vêm todos do mesmo espírito (1Cor 12,14). Em virtude do nosso batismo, também nós temos uma graça ou carisma particular que nos foi dada pelo Espírito. Agora, para que não sigamos o caminho dos Coríntios que discutiram sobre quem tinha os "melhores" dons carismáticos, Paulo nos lembra que os dons espirituais são para o bem de todos (1 Cor 12, 1-11-14, 14-25).

Na profissão, nossos dons particulares se unem ao carisma corporativo de nossas congregações, um carisma que não é exclusivo de nossa comunidade, mas que reconhecemos que faz parte profundamente de nossa identidade. É com este carisma que nos comprometemos, não com manifestações ministeriais específicas desse carisma. Como aconselhou o Papa Francisco, precisamos "fortalecer. . . o carisma da Congregação, sem confundi-lo com o trabalho apostólico que se realiza. O primeiro permanece, o segundo

passará. O carisma. . . é criativo, sempre em busca de novos caminhos."[27] Apesar da diminuição da idade e da redução do número, do fechamento dos ministérios institucionais e da convulsão social que questiona se a religião é mesmo necessária, a vida religiosa apostólica continua. Refletindo sobre o Ano da Vida Consagrada, o Bispo Emérito de Limerick, Donal Murray, observou:

> Esse carisma subjacente continua mesmo quando determinados ministérios não podem mais ser realizados com a mesma força que eram ou quando não são mais necessários ou possíveis. Quando isso acontecer, precisamos olhar novamente para o nosso início para entender o que nosso carisma pode estar pedindo de nós hoje.[28]

Como sugere Murray, nosso desafio é viver nosso legado no presente com paixão.

> Significa crer que o mesmo Cristo, o mesmo Espírito, a mesma vocação que inspirou nossos predecessores está nos chamando agora para estarmos despertos e vigilantes. Os dons e carismas que marcaram o início dos seus institutos de vida consagrada estão vivos hoje pela mesma força do mesmo Espírito que os despertou em primeiro lugar.[29]

A Boa Nova de Deus é que a Terra e todas as suas criaturas têm um defensor. Somos nós

Na verdade, o Espírito é ativo e, assim como Paulo encorajou os Coríntios de que seus dons individuais eram para o bem de todos, também os carismas de cada congregação devem ser reunidos para o bem de nossa casa comum.

Cruzando os Limites da Congregação

Mesmo imbuídos de nossos carismas, como poderíamos fazer votos religiosos com a esperança de contribuir para a realização do reino de Deus quando os desafios são tão assustadores, os custos muito altos e nosso número tão pequeno? Jesus parece ter antecipado nossa pergunta com uma parábola perspicaz: "O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher toma e mistura com três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado" (Mt 1, 33; Lc 13, 20- 21). Não somos mais os soldados rasos da

Igreja, um exército de Irmãs e Irmãos conduzindo alunos em salas de aula paroquiais. Nem precisamos ser. Em vez disso, como Jesus argumentou, devemos ser fermento. E como o fermento é misturado com farinha, devemos unir nossos esforços aos de outros. Falando sobre o Ano da Vida Consagrada, o Papa Francisco afirmou:

> Espero também um crescimento na comunhão entre os membros dos diversos Institutos. Será este ano uma ocasião para sairmos com mais coragem dos confins dos nossos respectivos Institutos e trabalharmos juntos, a nível local e global, em projetos de formação, evangelização e ação social? Isso tornaria o testemunho profético mais eficaz. A comunhão e o encontro entre diversos carismas e vocações podem abrir um caminho de esperança. Ninguém contribui para o futuro isoladamente, apenas com o esforço, mas vendo-se como parte de uma verdadeira comunhão sempre aberta ao encontro, ao diálogo, à escuta atenta e à ajuda mútua. Tal comunhão nos inocula contra a doença da auto absorção.[30]

A colaboração entre as instituições religiosas não é nova. A Conferência de Formação de Irmãs, a precursora da Conferência de Formação Religiosa, foi fundada em 1954 para assegurar que as Irmãs estivessem devidamente preparadas para seus ministérios. Após o Vaticano II, uma notável colaboração entre comunidades religiosas masculinas levou à criação da União Teológica Católica em Chicago e da União Teológica de Washington em DC, ambas escolas de teologia e ministério que serviam a várias congregações. Na década de 1980, noviciados colaborativos e programas de noviciado juntaram os membros mais novos além das fronteiras congregacionais. E na década de 1990, uma organização de base de Irmãs com menos de cinquenta anos formou a Giving Voice. Como sua declaração de propósito descreve:

> Procuramos viver nossas vocações enraizadas em nossos carismas congregacionais e alicerçadas na esperança de Deus para o futuro da vida religiosa. Procuramos nos conectar umas com as outras para fortalecer nosso compromisso,

> aprofundar nossa fidelidade à vida religiosa, promover conexões que sustentem nossas vocações e criar maneiras de viver a vida religiosa no presente e no futuro.[31]

A união de esforços e a combinação de recursos levaram a iniciativas de justiça para tratar de questões endêmicas e globais, como tráfico humano, imigração e degradação ambiental. E a maioria desses esforços começou como respostas de base às necessidades emergentes.

Em 2009, uma rede internacional de congregações religiosas em 70 países formou a Talitha Kum, para facilitar a colaboração e atividades contra o tráfico de pessoas. Da mesma forma, a Irmã Margaret Nacke, CSJ, foi movida pelos "milhões cujas vidas foram relegadas ao status de mercadoria, à escravidão e vivem em um mundo escurecido pelo egoísmo e ganância daqueles cujas próprias vidas estão sem luz"."[32] Em 2013, ela defendeu e ajudou a fundar as Irmãs Católicas dos Estados Unidos contra o Tráfico Humano (USCSAHT), uma rede nacional colaborativa baseada na fé que oferece educação, dá suporte ao acesso a serviços para sobreviventes e se engaja na defesa da erradicação da escravidão moderna.[33]

Da mesma forma, as milhares de pessoas deslocadas que procuram asilo em todo o mundo estão elas mesmas em busca de um salva-vidas do respeito humano. Quando o Papa Francisco participou de uma audiência papal virtual em 2015, ele foi apresentado à Irmã Missionária de Jesus, Norma Pimentel, que opera um centro de boas-vindas na Igreja do Sagrado Coração em McAllen, Texas, EUA, e atua como Diretora Executiva da Catholic Charities do Vale do Rio Grande. Depois de ouvir as histórias das mães e crianças do centro, o Papa Francisco pediu para falar com a Irmã Norma. "Quero agradecer a você", Francisco disse. "E através de você agradecer a todas as Irmãs das ordens religiosas nos Estados Unidos pelo trabalho que vocês têm feito e que vocês fazem nos Estados Unidos. É ótimo. Eu as parabenizo. Sejam corajosas. Sigam em frente."[34]

Aquele momento de afirmação papal veio durante uma onda esmagadora de menores desacompanhados da América Central, que começou em 2014. A Irmã Norma e outros que trabalham ao longo da fronteira enviaram pedidos urgentes de voluntários, um chamado ouvido e ampliado pela Conferência de Liderança de Mulheres Religiosas (LCWR). Desde que começou a enviar pedidos de fundos e voluntários para servir em centros de cuidado tempor[ario na fronteira dos Estados Unidos com o México, mais de mil religiosos responderam.

Lançado por ocasião do Jubileu da União Internacional das Superiores Gerais (UISG; 1965-2015), o Projeto Migrante na Sicília estabeleceu três casas comunitárias intercongregacionais, internacionais e interculturais, nas quais as Irmãs se tornam "uma ponte entre os migrantes que chegam em terra na Sicília e nas pessoas da região, para construir uma verdadeira integração." A coordenadora do projeto, Ir. Elisabetta Flick comenta,

> Seguimos na ponta dos pés, respeitando a riqueza de ouvir as necessidades para, então, construir, em conjunto com os nossos parceiros locais, um projeto ad-hoc que respeite os direitos e a dignidade de quem chega ao nosso país. Queremos ser uma testemunha credível de que é possível a convivência de diferentes culturas, nacionalidades e línguas, se estivermos unidos por uma missão comum e movidos pelo único Espírito que age e está presente em cada um de nós e no mundo.

Enquanto o trabalho colaborativo das Irmãs em favor daqueles que estão empobrecidos e marginalizados atende às necessidades imediatas e urgentes, outros empreendimentos conjuntos têm uma visão de longo prazo. Em 18 de junho de 2020, o quinto aniversário de *Laudato Si* ', uma nova iniciativa para promover o desenvolvimento sus-

tentável foi anunciada - não pelos impulsionadores e agitadores de alguma empresa Fortune 500. Em vez disso, dezesseis congregações americanas de Irmãs Dominicanas uniram-se à firma Morgan Stanley para estabelecer uma nova iniciativa de fundos de investimento com o objetivo de financiar soluções para enfrentar a mudança climática e ajudar as comunidades em todo o mundo em maior risco. "As Irmãs contribu[iram com uma semeadura inicial de $46,6 milhões em 2018 para os fundos, que com investimentos de capital adicionais aumentaram para $130 milhões. O dinheiro será direcionado para projetos globais que buscam soluções para as mudanças climáticas, bem como para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas."[35]

A iniciativa para a criação de fundos climáticos é uma "resposta fundamental" ao apelo do Papa Francisco em *Laudato Si '*. Como observou a Irmã Dominicana Adrian Elise Garcia, OP, o sentimento do Papa Francisco "de querer ter uma abordagem integrada para combater a pobreza, restaurando a dignidade aos desprivilegiados e, ao mesmo tempo, protegendo a natureza. . . é precisamente o que o Climate Solutions Fund/ Fundo de Soluções Climáticas pretende abordar." [36]

O Papa João Paulo II afirmou que temos "uma grande história a ser cumprida." [37]. Iniciativas como a das Irmãs Católicas dos EUA contra o Tráfico de Seres Humanos e Talitha Kum da UISG, esforços colaborativos em nome de migrantes e imigrantes e o Fundo de Soluções Climáticas demonstram que, por meio de nossos esforços ministeriais colaborativos, contribuímos criativamente para o reinado de Deus e, assim, vivemos naquela "grande história" juntas.

Conclusão

Como Irmãs Dominicanas de Sinsinawa, gostamos de citar nosso fundador, o Venerável Pe. Samuel Mazzuchelli, OP, que exortou: "Partamos para qualquer lugar onde a obra seja grande e difícil, mas onde também com a ajuda de quem nos envia, abriremos o caminho para o Evangelho!" Mas no século vinte e um, como uma congregação apostólica, nós, como muitos de vocês, nem sempre temos certeza para qual dos inúmeros "lugares" devemos ir.

Há cerca de cinco décadas, uma noviça ou noviço teria uma boa ideia do ministério que ela ou ele faria ao professar os votos. Entra o Vaticano II, os movimentos pelos direitos civis e as mudanças culturais globais generalizadas. O ministério de fundação de uma congregação tinha definido sua identidade e muitas vezes era confundido com seu carisma. À medida que menos membros continuavam servindo em instituições patrocinadas, muitos religiosos se perguntavam: "Quem somos nós se não estamos mais ensinando?" Refletindo sobre sua vocação pós-Vaticano II, a Irmã beneditina Joan Chittister ofereceu um lembrete útil: "A nova visão diz que os religiosos não são chamados a ser uma força de trabalho, mas um fermento, uma presença atenciosa e chamativa que se move rapidamente para novas necessidades."[38] A missão da congregação é maior do que a expressão ministerial dessa missão.

E essa missão - conforme proclamada por Jesus de Nazaré e continuada pela Igreja - é trabalhar para a realização do reino de Deus. Precisamente porque vivemos em um universo inacabado, o reino de Deus continua sendo o evento do horizonte pelo qual ansiamos. O lento trabalho de evolução confirma que estamos nos movendo em direção ao Ponto Ômega, a unificação de toda a criação com o Criador. Uma visão emergente de missão e ministério para um universo inacabado segue sua própria linha do tempo. Mas a realidade da morte e do sofrimento como efeito da evolução e como resultado do pecado humano nos lembra que há trabalho a ser feito.

Hoje.

Nossa compreensão da cosmologia, evolução e teologia deve afetar por que, como e o que fazemos no ministério, que Maldari define como "trabalho humano energizado pelo Espírito Santo."[39] O "porquê" não está mais limitado apenas às preocupações humanas. O chamado do Papa Francisco para preservar nossa "casa comum" nos desafia a ver o amanhecer do reino de Deus com novos olhos. *Laudato Si* 'torna-se uma carta que redireciona nossos esforços, para que a missão passe de uma preocupação exclusivamente antropocêntrica pela evangelização e conversão para um acompanhamento cósmico inclusivo, cuidado e defesa de toda a criação. O "como" de nosso ministério está diretamente relacionado ao carisma particular dado à nossa congregação pelo Espírito Santo, um carisma mais facilmente visto em nossos fundadores e fundadoras, mas não menos evidente em nossos membros hoje - se olharmos. Devemos perguntar: "Como nosso carisma pode ser colocado a serviço de toda a criação?" E com essa resposta devemos medir nossas atividades ministeriais.

Finalmente, "o que devemos fazer" pode ser melhor formulado como "o que não devemos fazer". As congregações individuais não podem mais se dar ao luxo de agir sozinhas. Talvez a demografia e a diminuição institucional sejam simplesmente lembretes de que o ministério em um universo emergente deve ser colaborativo. A integridade de toda a criação certamente nos lembra que somos mais eficazes quando estamos mais conectados. Assim, quando consideramos onde a missão de Deus, nossos carismas congregacionais e as necessidades de nossa casa comum se cruzam, encontramos nossa resposta à pergunta: "Por que, como e o que devemos fazer?" em um universo emergente.

Para mais informações: https://bit.ly/ForAllTheEarth

1 Elizabeth A. Johnson, Creation and the Cross: The Mercy of God for a Planet in Peril (Maryknoll, NY: Orbis Books, 2018), 165.
2 Dianne Bergant, A New Heaven, A New Earth: The Bible and Catholicity (Maryknoll, NY: Orbis Books, 2016), 10.
3 Johnson, Creation and the Cross, 182.
4 Barbara E. Bowe, Biblical Foundations of Spirituality: Touching a Finger to the Flame (Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2017), 132, 142.
5 Pierre Teilhard de Chardin, The Phenomenon of Man (New York: Harper & Row, 1961), 262.
6 Ilia Delio, Making All Things New: Catholicity, Cosmology, Consciousness (Maryknoll, NY: Orbis Books, 2015), 94.
7 Delio, 96.
8 Dawn M. Nothwehr, "For the Salvation of the Cosmos: The Church's Mission of Ecojustice," Interna tional Bulletin of Mission Research 43 (2019): 75.
9 Johnson, Creation and the Cross, 159.
10 Johnson, xiii.
11 While "natural evil" is a category in theology, it should not be interpreted as if nature itself is actively seeking to do evil, but that death and destruction can have natural causes.
12 Sam Mickey, Whole Earth Thinking and Planetary Coexistence (New York: Routledge, 2016), 6.
13 Julian Huxley, Religion without Revelation (London: Max Parrish, 1959), 236.
14 Mickey, Whole Earth Thinking, 147.
15 Pope Francis, On Care for our Common Home (Laudato Si'), 9, 79.
16 James Martin, SJ, "Top Ten Takeaways from 'Laudato Si,'" America (June 18, 2015), https://www.ameri camagazine.org/faith/2015/06/18/top-ten-takeaways-laudato-si.
17 Amy Hereford, CSJ, Beyond the Crossroads: Religious Life in the 21st Century (Maryknoll, NY: Orbis Books, 2019), 2.
18 Laudato Si', 61.
19 Laudato Si', 53.
20 Pope John Paul II, Vita Consecrata, 110.
21 Pope Francis, Papal meeting with USG, November 29, 2013.
22 Timothy Scott, CSB, "Laudato Si' and Vowed Religious," Canadian Religious Conference Bulletin (Fall 2015): 4.
23 William P. Gregory, "Pope Francis' Effort to Revitalize Catholic Mission," International Bulletin of Mis sion Research 43 (2019): 7–19.
24 Nothwehr, "For the Salvation of the Cosmos," 68.
25 Nothwehr, 70.
26 Scott, "Laudato Si' and Vowed Religious."
27 Pope Francis, Meeting with the USG, November 29, 2013.
28 Donal Murray, "Glorious and Unfinished—the Year of Consecrated Life," The Furrow 66 (2015): 316.
29 Murray, 314.
30 Pope Francis, "Apostolic Letter to All Consecrated People on the Occasion of the Year of Consecrat ed Life," II.3.
31 For more information see https://giving-voice.org/mission-vision.
32 Peace and Earth Blog, "A Call to Be Light-Bearers," blog entry by Sister Margaret Nacke, CSJ, Decem ber 16, 2016, http://saccvi.blogspot.com/2016/12/a-call-to-be-light-bearers.html.
33 For more information see https://sistersagainsttrafficking.org.
34 Teri Whitcraft, "Pope Francis to Texas Nun Norma Pimentel: 'I Love You All Very Much,'" ABC News (September 4, 2015), https://abcnews.go.com/US/pope-francis-texas-nun-norma-pimentel-love/story?id=33517481.
35 Brian Roewe, "Dominican Sisters Commit $46 Million to Seed New Climate Solutions Funds," Nation al Catholic Reporter (June 18, 2020), https://www.ncronline.org/news/earthbeat/dominican-sisters-commit-46-million-seed-new-climate-solutions-funds.
36 Roewe.
37
38 Joan D. Chittister, "No Time for Tying Cats," in Midwives of the Future: American Sisters Tell Their Story, ed. Ann Patrick Ward (Kansas City, MO: Leaven, 1985), 19.
39 Donald C. Maldari, SJ, Christian Ministry in the Divine Milieu: Catholicity, Evolution, and the Reign of God (Maryknoll, NY: Orbis, 2019), 46.

RUMO À CULTURA DA SALVAGUARDA: UMA MUDANÇA DE RUMO.

A DEFINIÇÃO DE CULTURA DE CUNNINGHAM COMO UMA CHAVE PARA INTERPRETAR A CULTURA DA SALVAGUARDA

Dra. Angela Rinaldi

Angela Rinaldi é doutora em Doutrina Social da Igreja e Ética Pública, obtida na Faculdade de Ciências Sociais (Pontifícia Universidade Gregoriana). É autora do livro Uma migração que dá esperança. Menores desacompanhados na Itália (Mimesis, 2020), do livro Hacia una Iglesia que proteja a los más pequeños (PPC, 2020) e do livro Da parte dos pequeninos. Igreja e abuso sexual (por La meridiana, 2018). De 2014 a 2017 ela colaborou com o Centro para a Proteção de Menores (PUG) como Assistente de Pesquisa e de 2018 a 2021 como Online Learning Admin. A partir de 1º de setembro de 2021, o Centro de Proteção de Menores passou a ser Instituto de Antropologia. Estudos interdisciplinares sobre dignidade e cuidado de pessoas vulneráveis. No novo Instituto, Ângela Rinaldi é docente e responsável pela equipe docente dos cursos em presença e com Diploma e Licenciatura em Inglês.

Original em Italiano

Introdução

O fenômeno do abuso infantil na Igreja e na sociedade em geral continua a afetar os fiéis e a opinião pública, muitas vezes também questionando a fé das pessoas que fazem parte do Povo de Deus.

Anos depois das primeiras descobertas, o flagelo dos abusos ainda fere os contextos eclesiásticos, embora o caminho para uma melhoria cada vez mais consistente já tenha sido percorrido.

O que gostaríamos de realçar aqui é a importância de uma mudança verdadeiramente estrutural na Igreja e na sociedade, portanto nas pessoas que dela fazem parte, oferecendo alguns pontos para a reflexão que possam encontrar oportunidades de aprofundamento em contextos particulares.

Não se trata de querer proteger os menores e as pessoas vulneráveis com base apenas em sentimentos de compaixão ou imposições de cima, mas em criar um sistema profundamente enraizado que proteja verdadeiramente essas pessoas frágeis.

O objetivo é definir alguns elementos úteis para a reflexão e considerá-los dentro de um sistema que poderíamos chamar de *cultura de Salvaguarda*, o que implica uma abordagem estruturada do modo de pensar e agir visando a proteção de menores e pessoas vulneráveis em termos verdadeiramente duradouros.

Cultura: princípios e normas

Para apresentar um paradigma claro em que seja possível encontrar personagens comuns facilmente acessíveis de diferentes culturas particulares, podemos nos referir à definição de cultura de Myrna Cunningham, ex-presidente e atualmente membro do Fórum Permanente das Nações Unidas para Assuntos Indígenas: "A cultura é um processo ativo através do qual os grupos humanos respondem às suas próprias necessidades coletivas, implica linguagem, valores, normas e instituições; memórias pessoais e coletivas que dão sentido e sem as quais a existência humana não seria possível, conhecimentos e habilidades humanas [...]. A cultura e a língua constituem o substrato primário no qual as gerações recebem os estímulos do presente e renovam os laços ancestrais".[1]

Já olhando para a superfície, é possível compreender o quão profundamente enraizada uma cultura pode estar, tanto na vida de cada pessoa em sua individualidade quanto no imaginário coletivo. No entanto, para ir mais fundo, podemos analisar melhor alguns elementos.

Em primeiro lugar, a cultura é um processo ativo: significa que não é constituída por blocos monolíticos que são sempre iguais, mas muda continuamente, aliás, poderíamos dizer, desenvolve-se ou melhora-se.

Por meio da cultura, as pessoas e os grupos respondem às suas necessidades: há diversos elementos que se tornam parte de uma cultura e que podem ajudar em caso de questões culturais abertas e desestabilizadoras. Tudo o que faz parte de uma cultura se manifesta na vida social, econômica e política de uma comunidade, diz Cunningham. Além disso, por exemplo, onde surgem fenômenos que perturbam o equilíbrio cultural de um determinado grupo - e poderíamos nos referir aos escândalos que se seguiram à descoberta de casos de abusos - a cultura atua para lembrar os sujeitos daqueles valores e normas nas quais se fundamenta, para que possa guiá-los por um caminho possivelmente positivo.

Além disso, cultura implica valores, normas e instituições, memórias, conhecimentos e habilidades humanas.

Nesse ponto, a discussão se aprofunda. Poderíamos agrupar os elementos listados aqui em três grandes áreas: princípios e valores, normas, atitudes. Valores são aquelas declarações em que se acredita culturalmente, que se referem ao ideal ou desejável[2] e com base no qual se age; são afirmações que a cultura particular cria: por exemplo, "cada criança tem a sua dignidade". Nesta afirmação, o próprio princípio - isto é, o que vem primeiro - é a dignidade de cada pessoa, especialmente da criança, enquanto o apelo implícito ao reconhecimento dessa dignidade responde ao que chamamos de "valor". Trata-se de um valor cultural, pois surge daquilo que a cultura prescreve em torno de um princípio específico e do assunto a que se refere. Na verdade, nem em todas as culturas a afirmação acima representa um valor, nem em todas as culturas é uma prioridade reconhecer a dignidade da criança.

As normas dizem respeito a todo o conjunto de leis e prescrições que devem ser seguidas para que a comunidade funcione, em termos de paz social e interpessoal: por exemplo, a frase "as crianças devem ser defendidas e protegidas" pode ser considerada como uma norma cultural geral nem sempre escrita, mas ainda válida embora não em todas as culturas. Essas normas, portanto, incluem aquelas apresentadas por escrito e aquelas transmitidas oralmente.

Quando falamos de atitudes, referimo-nos às predisposições culturais que conduzem a todas aquelas atitudes que cada pessoa, no seu dia-a-dia, põe em prática para «satisfazer» os ditames da sua própria cultura. Poderíamos dizer que o ser dinâmico de cada cultura joga neste último elemento, portanto, todo tipo de mudança ou melhoria que pode ser feita. Isso significa que a pessoa humana, que atua na estrutura social, tem

o poder de fazer mudanças na comunidade: por isso, ela produz cultura continuamente e o que ela produz faz ou fará parte do cotidiano de cada pessoa.[3]

Falar de um fenômeno tão ressonante como o do abuso de menores e de pessoas vulneráveis, é necessário, pelo menos, referir alguns princípios fundamentais para melhorar o que cada cultura particular pode desempenhar em termos de prevenção.

Em primeiro lugar, o princípio da dignidade da pessoa humana. A cima de tudo, é preciso dizer que se refere à natureza de cada homem, mulher e criança e que não pode se referir a aspectos externos da pessoa: é o valor intrínseco que todo ser humano tem como sendo criado à imagem de Deus ou como pessoa. Desse valor fala não só o magistério católico, aliás dedicando-lhe todo um capítulo da *Gaudium et spes* (nºs 12-23), mas também a filosofia e a ética secular. Entre outros, Kant acreditava naquele valor intrínseco da pessoa humana pelo qual ninguém pode ser mercantilizado, tratado como um objeto ou apenas reduzido a um meio.[4]

Redescobrir-se como comunidade significa, a longo prazo, olhar para a Igreja no seu ser Povo e na sua capacidade de transmitir o amor preferencial aos mais pequenos

Mesmo tendo diferentes fundamentos epistemológicos, tanto o magistério católico quanto a ética secular se baseiam neste princípio comumente reconhecido de que cada pessoa tem seu próprio valor que não pode ser negado. Isto emerge em todas as dimensões que a natureza humana requer: relacionalidade, igualdade substancial entre as pessoas apesar das diferenças de gênero, cor e idade, pecado, liberdade, inteligência, consciência, poder.

Outro princípio fundamental é o da solidariedade, uma atitude amorosa para com o outro, que empurra - ou deveria - todo ser humano a agir pelo bem de quem o Magistério católico chama de "próximo". Este princípio está profundamente ligado à subsidiariedade, o que implica uma propensão em voltar-se para o outro capaz de reconhecer e aceitar a sua liberdade e suas capacidades. São dois princípios que, como dizia João Paulo II, não se devem reduzir ao assistencialismo (solidariedade sem subsidiariedade) ou à atitude de ver os outros como meios ou instrumentos (subsidiariedade sem solidariedade), mas de levar todo ser humano a ver o outro como seu semelhante, ou como uma

imagem de Cristo.[5] Além disso - diz João Paulo II - esses dois princípios são o caminho do desenvolvimento e o antídoto contra o que ele mesmo chamou de "estruturas do pecado", enraizadas no pecado de cada ser humano e "ligadas aos atos concretos das pessoas"[6]: trata-se de estruturas que estão se desenvolvendo na direção oposta em relação às atitudes que a Igreja tem empreendido nos últimos anos para uma melhor prevenção.

Outro princípio que convém mencionar, que também é uma atitude humana, é a responsabilidade tanto do ponto de vista pessoal como social.

Como princípio, a responsabilidade deve inspirar cada pessoa a um exercício positivo de poder e, como atitude, é definida como a própria forma de exercer seu poder. A este respeito, podemos citar o que diz o Papa Francisco na encíclica *Laudato Sì:* "Os cristãos de todo o mundo são chamados a« cultivar e cuidar» o jardim do mundo. Enquanto "cultivar" significa arar ou trabalhar a terra, "cuidar" significa proteger, preservar, conservar, zelar. Isso implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano

e a natureza"[7]. Essa relação responsável e positiva, poderíamos dizer também criativa e protetora da criação, pode e deve ser vista em termos mais amplos em relação ao cuidado das criaturas, incluindo os seres humanos. Significa que todos, enquanto pessoas humanas por natureza relacionais, são responsáveis pelo bem-estar do outro, pelo seu desenvolvimento e proteção: isso diz muito sobre como se deve exercer o "poder".

Como tais, os seres humanos têm o poder de agir bem ou mal com relação ao outro, de abusar ou não da sua liberdade, da sua sensibilidade, da sua pessoa em termos físicos e psicológicos. Em vez disso, o "domínio" de que fala o magistério católico remonta ao livro do Gênesis: como afirma João Paulo II, as pessoas são chamadas a "cultivar e cuidar do jardim do mundo"[8] .

Como «cuidaores», os seres humanos são responsáveis: têm um poder a exercer e pelo qual respondem a Deus, que para quem crê é a *autoridade* que confia a tarefa de cuidar do mundo e uns dos outros[9] .

Essa responsabilidade, portanto, não é apenas individual; é também uma questão de responsabilidade social: todos os seres humanos fazem parte da estrutura social em que se movem e que não vê diferenças substanciais entre os que estão dentro dela. Como "agente", ou "ator" da estrutura social, cada pessoa tem consciência de que suas ações têm consequências - às vezes até graves - na vida de outros seres humanos. Assim, quando se usa o próprio "poder" de forma negativa, isto é, dirige-se apenas aos próprios interesses[10] e "a qualquer custo", aceitando prejudicar outra pessoa apenas para satisfazer os seus impulsos, então não é mais cuidador, mas toma o caminho para se tornar semelhante aos abusadores.

Outro elemento importante que ajuda a entender a responsabilidade social pode ser retirado da encíclica *Fratelli Tutti*: quando o papa fala do amor, ele afirma que o amor é a força que nos impulsiona a buscar o melhor para a vida do outro e a não excluir ninguém, pois é o amor que "nos faz tender à comunhão universal"[11] . Cada ação de amor - e de poder - implica uma responsabilidade para consigo mesmo e inevitavelmente para com o outro.

Nesse ponto, fica claro que a responsabilidade individual e social é fortalecida graças às regras, que impulsionam as pessoas a "agirem bem" na estrutura social. Desde 2001, a Igreja elaborou uma série de normas a serem seguidas em caso de abuso de menores e pessoas vulneráveis. Elas refletiram o processo de crescente consciência que a própria Igreja adquiriu a esse respeito ao longo dos anos.

Dentre essas normas, podemos citar algumas que marcaram importantes passagens históricas. O início de uma verdadeira consciência da gravidade do fenômeno dos abusos é 2001, ano do *Motu proprio Sacramentorum Sanctitatis,* de João Paulo II. Neste documento, e nas *Normas anexas sobre delicta graviora*, o papa deseja definir em detalhes os crimes mais graves cometidos contra os sacramentos e contra a moralidade, que continuam a ser da competência exclusiva da Congregação para a Doutrina da Fé.

Os crimes de abuso de menores são expressamente mencionados em documentos subsequentes, entre os quais podemos incluir as *Novas normas sobre delicta graviora*, de Bento XVI (2010), que incluem entre as novidades a extensão da limitação dos crimes de abuso para 20 anos a partir de cumprimento da maioridade da vítima, a faculdade de transmitir os casos mais graves diretamente ao Papa, a inclusão de crimes como a aquisição, detenção e divulgação de material de pornografia infantil tendo como sujeitos crianças menores de 14 anos.

Neste ponto, começa uma era em que tomamos consciência não só da importância de fazer justiça às vítimas de abusos já ocorridos, mas também de evitar que certos atos se repitam e, portanto, de prevenir abusos futuros. Começa a ser admitido que o abuso infantil não diz respeito apenas ao nível físico ou sexual de uma relação, mas está intimamente ligado ao que comumente chamamos de abuso de poder, que pode se desenvolver tanto nas relações interpessoais quanto no campo institucional.

Graças aos dois antecessores de Francisco, tomou-se a consciência de que era essencial desencadear um processo que incluía uma mudança de rumo. E isso é evidente em muitos dos documentos que João Paulo II e Bento XVI redigiram não apenas em nível normativo, mas também em nível pastoral.

Com o Papa Francisco, esse processo tornou-se mais estrutural e fez parte de uma reforma institucional mais ampla.

Entre as várias atualizações regulamentares, destaca-se o *Motu proprio Como uma mãe amorosa* (2016) que, em consonância com o Cânon 193, que já previa a destituição de um Bispo do cargo por motivos graves, inclui entre este último os crimes de abuso sexual com menores. Portanto, se um bispo ou líder de uma comunidade encobrir um agressor ou ocultar um abuso, ele deve ser julgado e removido de seu cargo[12] .

Cerca de três anos depois, Francisco redigiu o *Motu proprio Vos estis lux mundi,* que esclarece e fortalece os procedimentos já previstos pelas normas eclesiásticas, incluindo abusos de ofício e negligência episcopal. Uma das grandes novidades que relata o *Motu proprio* é também a definição de pessoa vulnerável: a esta altura, percebe-se que não só menores de dezoito anos ou portadores de doenças físicas ou mentais podem ser vítimas de um crime de maus tratos que devem ser punidos, mas todos aqueles que, por "privação da liberdade pessoal, [são] de fato, mesmo ocasionalmente, [limitados] na capacidade de compreender ou querer ou em qualquer caso de resistir à ofensa"[13].

Tudo isso é fundamental não mais apenas no plano jurídico, pois amplia a possibilidade de a Igreja julgar os crimes de abuso, que neste ponto também dizem respeito à esfera relacional de forma mais geral e não apenas ao nível físico e sexual. Mesmo do ponto de vista da pesquisa científica ou mesmo da reflexão comunitária na Igreja, a introdução de um conceito tão amplo e com limites pouco marcados como o de "pessoa vulnerável" exige uma reflexão mais profunda sobre o verdadeiro significado do abuso e nos leva a ampliar o olhar sobre o fenômeno. Já não são apenas os menores de dezoito anos ou as pessoas que sofrem de alguma enfermidade física que podem ser vítimas de qualquer tipo de abuso, mas também todas as pessoas que no contexto de uma determinada relação são incapazes de exercer a sua liberdade pessoal, bem como sua capacidade de reagir a uma ofensa.

Por todas essas razões, não podemos reduzir o fenômeno do abuso a um escopo estreito com o qual apenas alguns especialistas precisam lidar. Exige que todas as comunidades diocesanas, paróquias, ordens religiosas, associações e movimentos leigos, instituições católicas e não católicas, como cada um no seu âmbito, dêem uma contribuição real para a prevenção. Portanto, o que realmente precisa ser reformado é a cultura: não significa ter que abrir mão da identidade pessoal e das pessoas, mas agir para melhorar cada cultura particular - dinâmica por definição - para que menores e pessoas vulneráveis sejam realmente tutelados e protegidos. Isso implica que princípios, normas e atitudes devem penetrar na vida cotidiana e orientá-la para o desenvolvimento integral da comunidade.

Atitudes: cultura e mudança de ritmo

O primeiro passo a dar, e ao qual a Igreja parece estar respondendo bem nesta área, é reconhecer os erros, embora ainda haja um longo caminho a percorrer.

Admitir que são tocados pelas "estruturas do pecado", difíceis de erradicar, é uma forma de reconhecer que alguns sujeitos - dentro e fora da Igreja - se deixaram vencer pela sede de poder, com a intenção de impor-se e impor a sua própria vontade aos outros e à sua vida «a qualquer preço»[14]: tudo isto envolve o ser humano em si mesmo e o faz negligenciar a atenção ao outro.

Tudo isso contribuiu para criar a chamada "cultura do silêncio" ou "cultura do abuso", pela qual, em detrimento dos mais vulneráveis e dos menores, se desenvolveu a indiferença generalizada, diminuiu o sentido de comunidade e de pertença, portanto, perdeu-se a responsabilidade social.

Parece não mais existir a justa atenção à Igreja-Povo de Deus, mas a instituição-Igreja torna-se central, para a qual se sente tal lealdade que a denúncia dos abusos que ali ocorrem parece ser mais uma traição do que uma forma de justiça.

Nesta "cultura do silêncio", os princípios da dignidade humana, da solidariedade, da subsidiariedade e da responsabilidade individual e social parecem ficar em segundo plano no que diz respeito à indiferença, ao desejo de não transigir, sentindo-se como "nômades" sem comunidade à qual pertencer. A instituição parece ser a única autoridade a quem recorrer quando é descoberto um abuso - físico, sexual, espiritual, consciencioso ou institucional - na expectativa de que ela própria "resolva" o desequilíbrio criado. A subsidiariedade desaparece porque fica em segundo plano a capacidade de cada pessoa

se autodeterminar, sua liberdade substancial, além de ser uma comunidade, um povo. A Igreja já não parece ser um povo, mas apenas uma instituição.

Estas atitudes estão enraizadas no modo de fazer cada cultura, que parece esquecer o seu carácter criativo e construtivo para deixar espaço à destruição da indiferença e do isolamento, que por sua vez são naturais para a pessoa humana. Consequentemente, como afirma o Papa Francisco, "não soubemos ficar onde devíamos ficar, [...] não agimos a tempo, reconhecendo a dimensão e a gravidade dos danos que foram causados em tantas vidas. Temos negligenciado e abandonado os mais pequenos"[15].

Na sua *Carta de 2018*, o Papa não fala apenas aos bispos, religiosos ou sacerdotes, mas a todo o Povo de Deus e, tomando São Paulo, afirma que se um membro sofre, todo o corpo sofre (nn. 1-2)

Numa carta de poucas palavras, recorda o ser corpo da Igreja - o mesmo se diria da sociedade em geral - e o ser um Povo. Ele quer empurrar para inverter o movimento, para mudar o ritmo, para garantir que tudo o que tem caracterizado a "cultura do silêncio"

O primeiro passo a dar, e ao qual a Igreja parece estar respondendo bem nesta área, é reconhecer os erros, embora ainda haja um longo caminho a percorrer

seja substituído pelos princípios descritos acima que, graças também às regras que derivam deles, podem permitir atitudes opostas à indiferença e ao isolamento para penetrar na cultura de cada povo.

Trata-se de responder ao silêncio com a *cultura da Salvaguarda*, que implica um movimento inverso capaz de levar a pessoa humana a agir inspirada num amor preferencial pelos pobres[16] que seja bem enraizado: não se trata apenas de olhar para o pobre no sentido mais profundo, comum ao termo, mas mais geralmente às crianças, para aqueles que vivem em condições de vulnerabilidade das quais não podem escapar. Pode-se falar de um amor preferencial pelos mais pequenos.

Isto implica uma mudança de olhar, isto é, deixar de olhar para a instituição como *a fonte* ou autoridade que resolve todos os problemas, poderíamos dizer, de baixo para cima, mas olhar para a pessoa e fazer com que esta recupere o seu real primado. A instituição não deve ser cancelada ou eliminada, mas adaptada às necessidades da comunidade:

neste caso, a instituição-igreja tem a tarefa de acompanhar homens e mulheres - de todas as idades - em seu desenvolvimento pessoal e social; se, como diz o Magistério católico, tudo é função da pessoa, então também a instituição é apenas um instrumento claramente útil para alcançar o bem da comunidade e o desenvolvimento integral.

Já que as relações assimétricas podem degenerar em abusos de poder que criam círculos dos quais é difícil sair, uma verdadeira mudança de ritmo deve levar a redescobrir a centralidade da comunidade, na qual cada um trabalha em sua própria esfera para o bem de todos - porque "o todo é maior que a parte"[17] – prioritário em relação ao interesse pessoal.

Redescobrir-se como comunidade significa, a longo prazo, olhar para a Igreja no seu ser Povo e na sua capacidade de transmitir o amor preferencial aos mais pequenos, a sua atenção profunda à pessoa e, portanto, a atitude naturalmente construtiva de relacionamento com todos e com cada um ao seu nível, sem um olhar de cima que só pode resultar na limitação da liberdade pessoal de cada pessoa na sua individualidade e no seu ser parte do todo.

Da mesma forma, devemos olhar para os "pequenos", não de cima, mas de seu próprio nível, para redescobrir o quanto eles têm para dar em prol do bem da comunidade.

Esta mudança de ritmo não implica apenas uma relação diferenciada com os "pequenos" de hoje, mas um desenvolvimento cultural duradouro que permita às gerações presentes se comprometerem, tendo em consideração a proteção das gerações futuras. Além disso, implica a criação de uma cultura mais humana e atenta "ao todo", nos moldes do que afirma o Concílio: "Com [...] ' cultura'queremos indicar todos aqueles meios pelos quais o homem se aprimora e desenvolve a capacidade múltipla de sua alma e corpo; [...]; torna a vida social mais humana [...]; enfim, com o passar do tempo, ele expressa, comunica e preserva em suas obras as grandes experiências e aspirações espirituais, para que possam servir ao progresso de muitos, acima de tudo de todo o gênero humano " [18].

Trata-se de "processos desencadeadores"[19], isto é, de exercer o próprio "poder" para o bem de todos, que vive não só no hoje, mas também no amanhã, no tempo. Portanto, é preciso se relacionar tanto com as gerações atuais quanto com as futuras, para que a construção da *cultura da Salvaguarda* não responda apenas ao hoje - e, portanto, ao espaço -, mas também ao amanhã - ao tempo. Por isso, se você deseja alcançá-lo, não deve pensar em processos que começam e terminam no presente ou ter a obsessão em obter resultados imediatos[20], , mas deve estar ciente de se comprometer hoje a lançar as bases para a melhoria contínua dasquais as gerações subsequentes irão desfrutar.

Visto que "o tempo é maior que o espaço"[21], para que este processo cultural seja real, deve poder ser transmitido aos homens e mulheres de amanhã: os princípios e valores, normas e atitudes da *cultura da salvaguarda* devem ser capazes de penetrar no quotidiano de cada pessoa no Povo de Deus - e na sociedade em geral - deve estar enraizada a ponto de poder permitir uma mudança verdadeiramente estrutural.

Cada pessoa humana, como parte de uma comunidade ou de um Povo, é individual e socialmente responsável por deixar às gerações futuras um mundo que seja verdadeiramente atento aos mais pequenos e aos mais vulneráveis.

1 M. Cunningham, La cultura: pilar de desarrollo para el buen vivir, in "Cultura y Desarrollo", n.9, 2013, p. 29.
A tradução é da autora. O texto original: "A cultura é um processo ativo através do qual os grupos humanos respondem às suas necessidades coletivas presentes, envolve linguagem, valores, comportamentos, normas e instituições; as memórias pessoais e coletivas que dão sentido e sem as quais não há existência humana; conhecimento e capacidades humanas [...]. A cultura e a língua constituem o substrato original com o qual as gerações vivas recebem os estímulos do presente e renovam o seu legado ancestral".
2 Cfr. D. Paéz y E. Zubieta, Cultura y psicología social, in I.S. Sedano et al., "Psicología social, cultura y educación", Cap. II, Pearson Educación, 2004, pp. 25-30.
3 Ibid. Pág 31
4 Cfr. I. Kant, Fondazione della metafisica dei costumi, a cura di V. Mathieu, Milano, Bompiani, 2003, pp. 141-145.
5 João Paulo II, Sollicitudo rei socialis, 30 de dezembro de 1987, n. 40.
6 Ibid. nº 36
7 Francisco, Laudato sì. Encíclica sobre o cuidado da casa comum, 24 de maio de 2015, nº. 67.
8 João Paulo II, Evangelium vitae, 25 de março de 1995, n. 42.
9 Cfr. R. D'Ambrosio, Il potere e chi lo detiene, Dehoniane, Bologna, 2008, pp. 108-110.
10 Ibid.
11 Francisco, Fratelli tutti. Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social, 10 de março de 2020, nn. 94-95.
12 Francisco, Motu proprio Como mãe amorosa, 4 de junho de 2016, n. 1: "pode ser legitimamente destituído do cargo se, por negligência, praticou ou omitiu atos que causaram sérios danos a outrem, sejam pessoas físicas ou a comunidade em geral. Os danos podem ser físicos, morais, espirituais ou patrimoniais"
13 Francisco, Motu proprio Vos estis lux mundi, 7 de maio de 2019, art.1.
14 Giovanni Paolo II, Sollicitudo rei socialis, 1987, n. 37.
15 João Paulo II, Sollicitudo rei socialis, 1987, n. 37
16 Francisco, Lettera al popolo di Dio, 20 de agosto de 2018, n.1.
17 Cfr. Francisco, Evangelii gaudium, 24 de novembro de 2013, nn. 234-237
18 Concilio Vaticano II, Costituzione pastorale sulla Chiesa nel mondo contemporaneo Gaudium et spes, 1965, n. 53.
19 Concilio Vaticano II, Costituzione pastorale sulla Chiesa nel mondo contemporaneo Gaudium et spes, 1965, n. 53.
19 Ibid, n. 51.
20 Ivi, n. 223.
21 Ivi, nn. 222-225.

FORMAÇÃO HOLÍSTICA DE LÍDERES DE CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS PARA A MISSÃO NUM MUNDO EM RÁPIDA MUDANÇA

Ir. Chinyeaka C. Ezeani, MSHR

Chinyeaka C. Ezeani, Irmã missionária do Santo Rosário, serviu na liderança de sua congregação. Atualmente, ela é vice-postuladora da Causa da Canonização de seu fundador Bispo Joseph Shanahan CSSp. Ela é autora de " Enraizado em Cristo - Insights sobre a Formação Religiosa e Sacerdotisa Contemporânea/ Rooted in Christ - Insights into Contemporary Religious and Priestly Formation e "Interculturalidade na Vida Religiosa - Uma Bênção em Cores Diferentes".

Original em Inglês

Introdução

Duas imagens dos Evangelhos se destacam sempre que reflito sobre o tema da liderança. O primeiro é onde Jesus se inclinou e lavou os pés de seus discípulos, e convidou-os a fazer o mesmo (cf. Jo 13,3-17): "Agora que eu, seu Senhor e Mestre, lavei seus pés, vocês também devem lavar os pés uns dos outros. Eu lhes dei um exemplo de que vocês devem fazer o que eu fiz por vocês" (vv. 14, 15). A segunda é quando Jesus foi para lugares solitários para rezar (Mt 1,23; Mc 1,35; Lc ,21; 6:12; 9:28). Em todas as oportunidades, ele foi o modelo para seus discípulos e discípulas de uma relação pessoal com o Pai. Ele ensinou-lhes que a autoridade é o serviço, e a humildade é a marca registrada do verdadeiro discipulado.

Deus escolhe e chama qualquer pessoa de acordo com a sabedoria e o projeto divinos. São Paulo lembrou à comunidade cristã de Corinto que sua vocação não foi por qualquer mérito deles, mas por causa da intenção de Deus para o mundo (cf. 1Cor 1,26-31). Isso também se aplica ao chamado à liderança em congregações religiosas – um sinal, um lembrete, para que o orgulho não tome conta do coração da pessoa enquanto líder e direcione seus pensamentos e ações. Para serem discípulos e discípulas autênticas de Jesus e guardiães do corpo de Cristo, as lideranças das congregações religiosas devem ser fundamentadas nos valores de Jesus Cristo.

O mundo está mudando rapidamente. As experiências das pessoas que entraram na vida religiosa há cerca de vinte a quarenta anos atrás, diferem notavelmente daquelas das pessoas que entraram nos tempos atuais. As pessoas que estão liderando hoje, lidam com um mundo mais complexo do que o de nossos antepassados. Por exemplo, os

novos membros de congregações religiosas são, em sua maioria, filhos e filhas da era cibernética. São uma geração que cresceu com telefones celulares, acesso à internet e mídias sociais. As lideranças, atualmente, também estão enfrentando muitos e novos desafios, incluindo aqueles colocados pela atual pandemia da Covid-19, e lutam para encontrar maneiras úteis de lidar com eles. Há, portanto, uma necessidade cada vez maior de formação holística contínua às lideranças para prepará-las adequadamente para a missão nestes tempos desafiadores.

Vou me concentrar nos seguintes elementos ao explorar este tópico:

(1) breve reflexão sobre a importância da liderança na comunidade cristã e na vida religiosa.

(2) as graças, bem como os desafios da liderança na vida religiosa do contexto de hoje

3) diferentes dimensões da formação holística de líderes para a eficácia em sua dupla vocação de vida consagrada e serviço de liderança

(4) o exercício da liderança em relação aos Conselhos Evangélicos como uma parte igualmente essencial da formação holística de quem exerce a liderança.

O artigo foi dividido em duas partes e publicado em dois números do Boletim. (Primeira parte em Boletim N. 176)

Segunda parte:
Diferentes aspectos de uma formação holística de líderes religiosas

Aspecto Espiritual

"Onde está o teu coração?"

Uma pergunta pessoal importante que toda líder religiosa precisa fazer a si mesmo com frequência e responder honestamente é "Onde está meu coração?" Como líder, o que é importante e realmente importante para mim?" Jesus afirmou claramente que onde estiver o tesouro de uma pessoa, aí estará o seu coração (cf. Mt 6,21). Se o coração está nos valores que Cristo expressou por meio da vida consagrada, o interesse e a atenção da pessoa estarão nesses valores e em vivê-los. No entanto, se o coração está centrado nos assuntos mundanos, a pessoa é orientada por isso. É improvável que este último leve a um maior amor a Deus e ao próximo e a uma vida autêntica dos valores religiosos. Perseguir e abraçar abertamente os assuntos deste mundo pode levar a uma perda de significado na vida religiosa e na essência do serviço de liderança. Portanto, é fundamental que as líderes tenham o coração no lugar certo, pois é isso que norteará suas decisões e ações.

A formação holística ajudará na compreensão de onde o coração e o tesouro devem estar. É responsabilidade de cada líder assegurar que a formação integral continue em sua vida. A responsabilidade pelo desenvolvimento e crescimento pessoal pertence ao adulto enquanto indivíduo. Ninguém fora de si mesmo deve ser incumbida com esta obrigação. Em seu livro, Seus pontos fracos são seus pontos fortes - *Transformação de*

si mesmo por meio da análise de fraquezas pessoais/ Your Weaknesses are Your Strengths - Transformation of the Self through Analysis of Personal Weaknesses, David Edman (1994) afirmou que todo ser humano não só tem a responsabilidade de descobrir a verdade sobre si mesmo, mas também foi equipado com as ferramentas necessárias para fazer isso. A autotranscedência, segundo ele, é uma característica proeminente da raça humana.

Cultivar a vida interior: regando as raízes

Antes do plantio, o solo é primeiro limpo e bem preparado para que a semente cresça. Ninguém pode plantar com sucesso em solo coberto de mato. Regar as raízes é o que torna possível que uma planta ou colheita cresça e se desenvolva mesmo na estação seca! A vida interior é indispensável para uma liderança eficaz e centrada em Cristo. Uma *líder não pode viver superficialmente ou na superfície e ser eficaz no* serviço de liderança. A vida espiritual deve ocupar o primeiro lugar no programa da vida consagrada, de modo que cada congregação e comunidade sejam "escola de verdadeira espiritualidade evangélica" (João Paulo II, Vita Consecrata, n. 93).

Por que é importante que a *líder cultive uma vida interior sólida? O poder que* as líderes possuem não pode ser subestimado. As líderes têm o poder de refletir sombra e luz nas pessoas que lideram. Parker J. Palmer (1990; 2000) definiu líder como alguém que possui um grau incomum de poder para projetar em outras pessoas sua sombra, bem como sua luz. Uma *líder possui igualmente um grau incomum de poder para criar as condições sob as quais outras pessoas devem viver e funcionar - e essas condições podem ser "tão iluminadoras como o céu ou tão sombrias como o inferno" (p. 7, 1990, cf. p. 78, 2000). Por esse motivo, ele defendeu que* a boa *líder "deve assumir uma responsabilidade especial pelo que está acontecendo dentro de si, dentro de sua consciência, para que o ato de liderança não crie mais mal do que bem" (p.7; p.78). Palmer alertou contra a extroversão que ignora o que está acontecendo dentro de si mesmo, uma negligência da consciência interna e uma proteção para fora da consciência interna. (p.79). Uma vida interior viável, cheia da luz de Cristo que não pode enganar ou desviar deliberada ou inadvertidamente - isso é o que uma líder precisa cultivar e regar regularmente.*

A seguir estão as maneiras pelas quais a *líder cultiva e nutre a vida interior para uma liderança eficaz e centrada em Cristo.*

Tempo de solidão e encontro com Deus

Uma das ferramentas úteis para cultivar a vida interior e nutrir a alma é reservar momentos de silêncio, oração e solidão. Você tem um horário regular na semana ou mês em que desliga deliberadamente os telefones celulares, computadores e aparelhos eletrônicos apenas para estar em total comunhão com Deus, nutrindo completamente o seu ser interior? Se a resposta for "não", então este *é uma* apelo para despertar. Esta é uma prática que conduz com segurança uma *líder através das águas turbulentas do* serviço de liderança. Certa vez, uma religiosa comentou comigo que poderia perder a oportunidade de "salvar uma vida", desligando o telefone! Minha resposta a isso foi que só existe um Salvador, e esse é Jesus Cristo, o Senhor! Esses momentos profundos de silêncio e solidão podem realmente fortalecer a pessoa para as provações da vida e as vicissitudes da liderança nas congregações religiosas.

Nutrição espiritual através da leitura

Assim como o alimento físico nutre o corpo, a leitura espiritual é um bom alimento para o espírito. Não importa quão ocupadas sejam, as líderes devem continuar esta prática útil. O sustento espiritual por meio da leitura pode ajudá-las a permanecer fundamentadas em suas vocações cristãs e religiosas. Durante a formação inicial, esta prática louvável para o crescimento espiritual costuma ser enfatizada e dado o lugar importante que merece. Ficar muito ocupada com "a obra do Senhor" pode privar uma *líder de uma ferramenta eficaz para* seu cultivo espiritual e desenvolvimento pessoal. Bons livros espirituais abundam nas livrarias / mídia e também online. Uma *líder que valoriza e pratica* a leitura espiritual pode realmente inspirar outras a fazerem o mesmo.

Cultivar a auto-aceitação, auto-compaixão e auto-identidade positiva

A auto-aceitação é uma ferramenta importante e uma grande disposição interior para a aceitação dos outros. O mesmo acontece com a autocompaixão. Quando uma pessoa tem isso, geralmente é mais fácil aceitar os outros e sentir compaixão por eles. Aceitar a si mesmo e ter compaixão pode ser uma boa cura para o perfeccionismo que gera ódio de si mesmo ou depreciação. Quando as pessoas se sentem confortáveis com sua própria pele e se apreciam, não precisam menosprezar as outras para sua auto-elevação. De acordo com Palmer, um dos aspectos amplamente inconscientes da personalidade de muitas líderes é a profunda insegurança sobre sua própria identidade e valor próprio. Ele observou que para indivíduos extrovertidos essa insegurança geralmente é difícil de notar, porque muitas vezes a extroversão existe precisamente porque tais líderes tendem a ser inseguras sobre quem elas são, portanto, elas tentam provar a si mesmas no

mundo externo ao invés de lidar com sua identidade interior (Palmer, 1990, p.13). Geralmente mais comum nos homens, a partir de suas próprias observações, esse lidar com a identidade se deve a uma forte inclinação para funções institucionais externas. Existe um sério perigo nas organizações (e congregações religiosas) quando as líderes operam com "uma insegurança profunda e não examinada sobre sua própria identidade". Isso pode criar configurações institucionais que privam as outras de sua própria identidade devido aos medos e insegurança não examinados da líder (2000, p. 14).

A formação holística envolve auto-aceitação saudável e clareza de identidade. Isso implica estar em paz consigo mesma e se sentir em casa consigo mesma. O contentar-se com a pessoa que se é, como Deus criou, pode criar paz interior, auto-aceitação e respeito pelo outro.

O coração do líder deve estar cheio de alegria. Cultivar a alegria é parte integrante da formação holística.

Alimentar a capacidade de se divertir, de brincar

Existe o aforismo popular que afirma que "Só trabalhar e nenhuma diversão tornam Jack um menino enfadonho". O mesmo é verdade para as líderes. A criança em cada uma de nós pode ajudar a manter um sentimento de admiração, de se maravilhar e de divertir-se que simplesmente mantém o coração vivo e feliz. A capacidade de brincar é, de fato, um dos sinais de uma pessoa emocionalmente saudável. O brincar é para todas. Não é só para crianças. Ninguém realmente supera esse dom precioso de brincar. As líderes precisam incorporar isso em sua programação regular e dar às brincadeiras e recreação um lugar importante em suas vidas. Brincar, assim como o exercício físico, pode despertar uma sensação de alegria e relaxamento pleno em uma pessoa. É um estímulo de saúde bom e inofensivo. A formação holística da líder precisa abraçar a diversão: todo trabalho e nenhuma diversão podem tornar a Madre ou a Irmã uma mulher irritada e exausta! Todo o trabalho e nenhuma diversão podem tornar o Padre ou o Irmão um homem rabugento e exausto!

Cultivar um Coração Grato e Alegre

Na Exortação Apostólica do Papa Francisco de 2013, Evangelii Gaudium (A alegria do Evangelho), ele convidou todos aos fiéis a um renovado encontro pessoal diário com Jesus Cristo, porque todos estão incluídos na alegria trazida pelo Senhor (cf. n. 3). A Bíblia nos convida constantemente para uma vida de alegria - "alegrai-vos!" (cf. Dt 12: 7; Sl 32:11; cf. Lc 1:47; Fp 4, 4, 1 Tessalonicenses 5,16). "Em todas as partes do mundo, a alegria é a verdadeira expressão de gratidão" (Steindl-Rast, 1984, p. 18). A líder religiosa, para servir com eficácia, precisa cultivar um coração grato e alegre. É importante lembrar que a liderança é um dom de Deus para servir ao povo de Deus. Uma pessoa é escolhida por Deus para colocar em prática esse dom não por causa de seu valor pessoal. Manter isso constantemente em imagem pode ser útil. Apesar dos desafios e provações, sempre há motivo para alegria. Jesus disse aos seus discípulos: "Vocês ficarão tristes, mas a sua dor se transformará em alegria" (Jo 16, 20) (cf. Evangelii Gaudium n. 5) e "ninguém vai tirar a alegria de vocês" (v. 22).

O coração do líder deve estar cheio de alegria. Cultivar a alegria é parte integrante da formação holística. Alegria e gratidão geralmente andam juntas. A oração de gratidão, em vez de sempre petição, aviva ainda mais o espírito com alegria. Vale a pena refletir regularmente sobre as seguintes questões: Quando foi a última vez que meu tempo de oração foi dedicado apenas à gratidão? Você já pensou em começar um "Diário da Gratidão"? Geralmente acredita-se que a gratidão é um grande despertador de alegria.

Aspecto Afetivo

A formação integral também abrange este aspecto igualmente importante da vida e do desenvolvimento humano. Trata-se da área afetiva ou emocional da vida, bem como do bem-estar físico. Uma vida interior integrada melhora o bem-estar físico e a harmonia dentro do eu. Pessoas em funções de liderança são frequentemente expostas a emoções e reações positivas e também negativas de certos membros por várias e muitas vezes complexas razões. A formação afetiva, portanto, prepara as líderes para equilibrar adequadamente suas próprias emoções, bem como a lidar com as dos outros, especialmente as negativas.

O benefício da supervisão, mentoria e / aconselhamento

Supervisão ou mentoria e / ou aconselhamento são geralmente úteis para o funcionamento eficaz da líder. Nestes, uma líder pode ter a liberdade e um ambiente seguro para expor sua alma e obter o suporte necessário em um espaço totalmente confidencial e verdadeiramente seguro. O respeito pela integridade dos membros é de extrema importância. Não importa quão pesado seja o fardo para a líder, ou quão magoada ela se sinta sobre as experiências com certos membros individuais da congregação, a líder ainda tem a obrigação de defender e respeitar sua dignidade e integridade. Manter a confiança é sagrado e não pode ser comprometida. É por isso que as líderes precisam de um espaço seguro e profissional para lidar com as questões de liderança, em vez de falar sobre seus confrades e Irmãs para qualquer pessoa que queira ouvir! Quando o aconselhamento é necessário, a líder não precisa se envergonhar de fazer uso deste meio e de fazer proveito dele. As líderes são humanas como qualquer outra pessoa. Supervisão, mentoria e aconselhamento podem ajudar a "desintoxicar" os desperdícios emocionais que podem obstruir o coração da líder e aumentar o cinismo, a negatividade.

A expressão 'Inteligência Emocional' (IE) tornou-se de grande interesse nas discussões sobre o comportamento e desenvolvimento humano. É a capacidade de estar ciente e reconhecer suas próprias emoções e as de outras pessoas, para discernir essas emoções diferentes e usar isso para orientar o comportamento e gerenciar relacionamentos com

os outros de forma mais empática e eficaz. Quando um indivíduo é emocionalmente inteligente, a empatia tende a vir com mais facilidade porque ajuda a pessoa a conectar sua própria experiência com a de outras pessoas.

Estilo de Vida Saudável e Bem-Estar

O exercício do ministério de liderança sendo bastante exigente, pode ter suas implicações na saúde de uma líder. Atividades físicas e exercícios são ferramentas úteis para manter o corpo e o espírito alegre e otimista. Isso é tão importante que seria difícil encontrar uma desculpa convincente e aceitável para não incluir exercícios físicos de algum tipo na programação diária de uma líder. No mínimo, trinta minutos de caminhada rápida, três a quatro vezes por semana, são recomendados por especialistas nesses assuntos. O exercício geralmente estimula no cérebro humano o hormônio e o neurotransmissor dopamina, popularmente conhecido como o "hormônio do bem-estar". Qualquer pessoa que pratica aeróbica e exercícios físicos conhece a felicidade que acompanha essas atividades. Já ouvi falar de pessoas que desenvolvem problemas de saúde crônicos e debilitantes logo depois de assumir funções de liderança em suas congregações ou dioceses. Além do exercício físico, uma dieta saudável e bem regulada é altamente recomendada. Outras atividades de sustentação da vida que podem estimular positivamente a energia positiva também são boas para praticar. O autocuidado é fundamental para o funcionamento saudável. Nunca é um ato egoísta, ao contrário, é simplesmente uma boa administração de um dom precioso que temos, o dom que nos foi dado para colocar ao serevço uns dos outros (Palmer, 2000, p. 30).

Cultivar um Espírito de Perdão

No exercício da liderança, inevitavelmente acontecem feridas e mal-entendidos. Um dos mantras de liderança que pessoalmente considero vital ao lidar com relacionamentos interpessoais é "Perdoar Sempre". A outra é "Não levar as coisas para o lado pessoal". É por isso que ter uma mentora ou supervisora com quem a líder possa confidencialmente descarregar seus "infortúnios" e "dores" pessoais de liderança é muito essencial. Trabalhar com os problemas, abrir mão deles e manter o foco naquele UM que a chamou para a liderança pode organizar o coração da líder e liberá-la para perdoar verdadeiramente os outros. Quanto menos "bagagem" uma líder carrega, mais livre e eficaz ela pode ser tanto na vida pessoal quanto no serviço de liderança.

Aspecto Psicossocial

Cultivar e Adotar a Autenticidade

Autenticidade, de acordo com Brown (2010), é "a prática diária de abrir mão de quem pensamos que deveríamos ser e abraçar quem somos" (p. 50). Não é incomum que as líderes vivam na ilusão de que todas devem estar "felizes" com elas. Pode haver pressão - de dentro e de fora de si mesmas - para ser ou aparentar ser o que não é, a fim de impressionar os membros e ser amadas por eles. Visto que as líderes, como todas as pessoas podem sentir uma forte necessidade de serem amadas ou pelo menos aceitas pelos membros da congregação. A coragem de ser verdadeira consigo mesma nem sempre é fácil. Conta-se a história de uma mulher que passou por uma experiência de quase morte. Ela se encontrou diante de Deus e perguntou: "Senhor, então isso significa que é hora de eu voltar para Casa?" Deus respondeu: "Não, minha filha, você ainda tem trinta anos, sete meses e mais doze dias de vida". Quando ela recobrou a consciência, ela deci-

diu ficar no hospital e pedir ao cirurgião plástico para fazer uma plástica no rosto e uma abdominoplastia nela. "É melhor eu ficar bonita se ainda tiver tantos anos de vida", disse ela. Na alta do hospital, ela foi atropelada por um carro enquanto atravessava a rua. Encontrando Deus, ela questionou: "Você disse que eu ainda tinha muitos anos de vida, por que você não impediu que o carro me derrubasse?" "Porque eu não a reconheci, querida", disse Deus. Brown (2010, p. 50) explica o que acarreta a escolha de ser autêntica. Para ela, se autêntica significa cultivar a coragem de ser imperfeita, de estabelecer limites e de se permitir ser vulneráveis; exercitar a compaixão que vem por saber que, como seres humanos, somos todas feitas de força e luta e capaz de nutrir a conexão e o senso de pertença que só pode acontecer quando acreditamos que nós somos autônomas, somos adequadas. Quando uma líder se apresenta a Deus como ela é, isso gera a liberdade de coração de complicações desnecessárias.

A auto-aceitação é uma ferramenta importante e uma grande disposição interior para a aceitação dos outros. O mesmo acontece com a autocompaixão.

Consciência e sensibilidade intercultural

Com as tendências em todo o mundo de divisões e ódio pelo outro, baseadas em diferenças culturais ou nacionais ganhando o centro do palco, as líderes religiosas são chamadas a ser faróis de esperança e testemunhas de fraternidade e irmandade universal. Eles devem ser campeãs em mostrar que é possível amar verdadeiramente outras pessoas fora de sua própria raça, nação ou grupo étnico e viver em harmonia com elas. Um clima onde o ódio floresce exige autoeducação e educação dos membros em questões de interculturalidade e sensibilidade. As líderes devem promover a unidade, não a divisão. A sua formação contínua nesta área irá permitir-lhes assegurar que o tribalismo, o racismo e o nepotismo não tenham lugar na vida religiosa.

Educação e Aprendizagem continuadas

O mundo está mudando rápido! É necessária uma adaptação saudável e realista. Por exemplo, estamos vivendo em uma era cibernética. É útil aprender os conceitos básicos de computação e da web. Hoje em dia, a maioria das jovens que ingressam em nossas congregações parece habitar muito o mundo cibernético. Anteriormente, a fonte de informação para as jovens que buscavam ingressar em congregações religiosas eram jornais e publicações católicas. Hoje, elas adquirem conhecimento por meio do Facebook e de outros meios de comunicação social. Para se manter atualizada sobre as tendências e acontecimentos locais e globais, toda líder precisa estar adequadamente informada e conectada.

Às vezes, após os votos definitivos e tendo sido eleitas Provincial ou Superiora Geral, algumas religiosas podem ter a noção errada de que elas alcançaram o auge da vida como religiosas e em sua congregação em particular. Tal noção pode gerar um senso de autossuficiência, fazendo-a pensar que não tem mais nada a aprender! Para ser eficaz no serviço de liderança, é preciso ter uma mente completamente aberta e continuar aprendendo. Cada novo dia traz novas surpresas de vida, portanto, nunca poderemos saber tudo. A humildade é necessária para o aprendizado contínuo e o ajuste aos sinais dos tempos, para que ninguém seja deixada para trás e se perca no mundo. Embora as religiosas não sejam do mundo, com certeza estão no mundo. Elas são, portanto, incentivadas a aprender e ser relevantes no mundo.

Suporte de Pares, de Colegas

Ao se deparar com desafios ou dificuldades, às vezes a pessoa pode se sentir sozinha, pensando que tais questões são exclusivas dela. O apoio de colegas pode ser muito útil para as líderes prosperarem em seu serviço. O compartilhamento e o apoio mútuos podem ter efeitos calmantes, garantindo que ela não estesteja sozinha. Interações sociais descontraídas com outras líderes, acompanhadas de senso de humor e brincadeira, constituem igualmente o apoio das colegas. As colegas líderes podem ajudar a pessoa a se sentir bem-sucedida e em casa consigo mesma, sem levar a vida muito a sério. Afinal, não importa o que aconteça, Deus sempre é capaz de cuidar de nós e de quaisquer desafios que estejamos enfrentando. Olhem! Os pássaros do céu não têm celeiros, mas Deus os alimenta, assim como as flores nos campos. Elas não costuram, ainda assim, Deus as veste! (cf. Mt. 6, 26, 29).

Colaboração em vez de competição

Nos encontros e relações humanas, pode haver uma inclinação para se comparar com a outra. A comparação de si mesma com as outras líderes pode gerar inveja e competitividade, o que leva ao descontentamento. Ao comparar-se com as outras, é inevitável julgar-se melhor ou pior do que as outras. O senso de "melhor do que você" abre caminho para a depreciação das outras, enquanto o oposto abre a porta para a auto piedade, o ciúme e o desejo de ser aquela outra. Foi contada a história de uma mulher que decidiu vender sua casa. Com cuidado, ela escreveu uma descrição detalhada da casa para anúncio no jornal nacional. Alguns dias depois, ela leu o anúncio e exclamou: "Uau! Mas este é exatamente o tipo de casa que sempre sonhei em ter!" O que ela fez? Ela cancelou a venda da casa imediatamente e decidiu se estabelecer com maior serenidade em *sua* casa! Quando uma pessoa subjetivamente julga que a grama é mais verde do outro lado, surge a tentação de invejar e competir. Às vezes, uma líder pode ter essa atitude em relação a outras congregações. Tais atitudes podem constituir obstáculos para relações autênticas centradas em Cristo e crescimento na vocação religiosa.

A Pobreza de Cristo

A menos que você mude e se torne como uma criancinha, você nunca entrará no Reino dos céus. Isso é parte da resposta de Jesus aos seus discípulos que estavam discutindo sobre quem era o maior entre eles (cf. Mt 18, 1-5). A líder deve ser um modelo de humildade e pobreza de espírito para seus Irmãos e Irmãs. São João Paulo II usou o termo "caridade pastoral" para descrever o coração do sacerdócio católico. A caridade pastoral igualmente captura o coração da liderança das congregações religiosas como um guia de suas ações. A pobreza de espírito modelada por Jesus Cristo, o líder servo, é o tipo para o qual as líderes religiosas são chamadas e encorajadas a viver.

Confiar na Providência de Deus

O modelo de liderança para viver na pobreza evangélica é expresso na confiança total na providência e na benevolência divinas. A confiança total na providência de Deus deve ser vivida e encorajada nos membros da congregação. O Filho do Homem não tinha onde reclinar a cabeça, mas confiou no Seu Pai para cuidar dele (cf. Lc 9,58). Não há dúvida de que é bom planejar adequadamente as necessidades da congregação e de seus membros. No entanto, a ênfase excessiva e o apego excessivo aos bens materiais e à sobrevivência contradizem a essência da vida consagrada e da pobreza evangélica. Deus não cuida dos pássaros do céu e das flores nos campos? (cf. Mt 6, 26-28). Essa confiança sustenta o compromisso com a vida e o apostolado.

No contexto africano, a observância do voto de pobreza apresenta múltiplos desafios: desejo por melhores condições de vida, prevalência de dificuldades econômicas, restrições de laços familiares naturais e divisão cultural dentro das congregações religiosas (Nwagwu, 2017, p. 15-16). O desejo de melhorar as condições de vida, os equipamentos sociais adequados, o conforto pessoal e a necessidade de ajudar os familiares podem influenciar as ações das religiosas. Os desafios de viver o voto de pobreza devem ser enfrentados com honestidade. Trazê-los para o primeiro plano, engajar os membros e oferecer maneiras de lidar com eles de acordo com os votos é essencial. Isso pode ajudar a prevenir abusos e perda de sentido na vida. Liderança é inspirar e motivar humanamente os membros nisso.

Espírito de Partilha

O voto de pobreza implica também um espírito de partilha. O modo de vida da comunidade cristã primitiva serve de modelo para a vida consagrada. Os primeiros cristãos compartilhavam tudo o que possuíam, garantindo que nenhuma pessoa carecesse de suas necessidades básicas simplesmente porque não podiam pagar (cf. Atos 4, 32-37). Um fundo comum dentro das congregações, como na comunidade cristã primitiva, pode criar equidade e solidariedade, garantindo que ninguém seja desnecessariamente privado. A vida comum exige que todos os membros da congregação compartilhem igualmente tudo o que a providência de Deus traz, seja por meio de salários / remunerações ou presentes.

Embora a vida religiosa não seja luxuosa e extravagante, as líderes devem garantir que os membros recebam cuidados adequados. Evitar essa responsabilidade é injustificável. Quando as congregações admitem novos membros, são obrigadas a atendê-los. É injus-

to negar aos membros suas necessidades simples e básicas e sujeitá-los à quase miséria. Isso pode expô-los a abusos e exploração pelos chamados benfeitores, que alegam ajudar em suas necessidades. As congregações femininas, em particular, devem prestar atenção especial e proteger seus membros jovens de tais abusos, seja por leigos ou pelo clero.

Cuidado dos membros

Por uma questão de justiça e compaixão, os membros devem receber os meios básicos para a dignidade humana e uma vida simples. Isso pode ajudar a minimizar a tentação de roubar fundos da comunidade ou do serviço, bem como buscar ajuda dos chamados benfeitores, amigos ou família.

O espírito de compartilhar precisa ter um lugar importante na observância desse voto. Um coração com discernimento guiará sabiamente a liderança nisso. Por exemplo, em casos de pobreza abjeta da família de um membro, como quando uma velha mãe viúva de um membro da comunidade vive sob um telhado irritantemente gotejante, o espírito de solidariedade e compartilhamento precisa guiar a decisão da líder. Essa caridade pode ser útil para um filho ou filha que não tem paz de espírito na comunidade onde vive com relativo conforto, enquanto a mãe vive em extrema degradação humana. É verdade que não entramos na vida religiosa pelos benefícios que podemos obter; no entanto, a caridade e a solidariedade são necessárias - para compartilhar até mesmo nossa pobreza em tais situações terríveis. A liderança pode discretamente, sem publicidade, prestar um pouco de ajuda em circunstâncias como essa, sempre que possível.

Missão ou sobrevivência?

Viver a pobreza evangélica pode colocar um bom freio na tentação e preocupação com a sobrevivência. Isso pode ser particularmente verdadeiro em contextos onde as dificuldades econômicas e a instabilidade são uma realidade diária. Da mesma forma, em outros lugares, o número cada vez menor de novos ingressantes na congregação pode ser uma fonte de ansiedade e preocupação com a sobrevivência futura. Qual é a missão e o carisma de sua congregação? Parte do papel da liderança é lembrar e animar constantemente os membros na missão e no carisma da congregação. Isso também envolve como vivê-la de maneiras concretas. É bom lembrar que as religiosas não são empresárias, nem homens e mulheres de negócios. Não há dúvida de que os membros devem ser alimentados e sustentados para cumprir a missão, no entanto, é importante diferenciar entre serviço e projetos de geração de renda para a manutenção dos membros. Onde uma líder está sob pressão para acumular riqueza para a congregação, existe o perigo de que o ganho econômico possa influenciar as decisões e ações, incluindo as escolhas do serviço. É assim que uma congregação pode perder sua alma e sutilmente prestar serviço de tempo integral a Mammon! Lembre-se de que você não pode servir a Deus e ao dinheiro.

A Castidade de Cristo

"Ninguém tem maior amor do que este ...,"

A castidade consagrada é realmente um convite a amar todos os filhos e filhas de Deus sem discriminação. Este é o mandamento de Jesus aos seus discípulos: "Um novo mandamento eu lhes dou: amem-se uns aos outros. Assim como eu os amei, vocês devem amar uns aos outros. Assim todos saberão que são meus discípulos, se vocês amam uns aos outros" (Jo 13,34-35). Isso não é apenas uma exortação, é uma ordem, portanto, um

imperativo. Além da graça recebida no voto de castidade, a liderança na vida religiosa oferece ampla oportunidade para amar os irmãos e irmãs, servindo-os com toda a bondade de coração que é possível. E o Deus de amor certamente coloca esta graça do amor autêntico à disposição de todos, de cada líder religiosa que a busca sinceramente de todo o coração!

Isso significa, portanto, que as líderes religiosas devem amar cada Irmão e Irmã, incluindo aqueles membros cujos caminhos as desafiam em seu serviço de liderança. Ter panelinhas ou algum grupo de "pessoas escolhidas" a quem a líder concede todos os privilégios pode ser prejudicial ao genuíno espírito de amor e cuidado pelos Irmãos e Irmãs. Onde uma líder acredita na criação de um espírito de inclusão, onde cada membro da província, região ou congregação é tratado com igual dignidade e respeito, um espírito positivo tende a permear os membros e encoraja a cooperação e o compromisso com a vida comum.

A mentalidade de "filha da terra" está gerando animosidade e prejudicando a vida religiosa em alguns países, especialmente na África. Constitui uma forma de discriminação étnica que é um amor excessivo ou apego à própria terra e grupo étnico (cf. Ukwuije 2013, p. 212; Ezeani, 2019, p. 49). Tal mentalidade pode alimentar o tribalismo, que é outra ameaça à autenticidade do chamado ao discipulado. É verdade que os seres humanos geralmente tendem a ser tribais por natureza. É "normal" que os seres humanos cuidem dos "seus". Em tempos pré-históricos, isso serviu aos nossos antepassados. Eles precisavam formar essas comunidades humanas unidas para sua segurança, apoio mútuo, sobrevivência e proteção contra ataques de outros grupos. À medida que a sociedade progride, no entanto, e os esforços são feitos por mais unidade e colaboração entre os povos, o tribalismo não serve mais ao bem comum de todos os povos. Uma parte essencial do trabalho das líderes de congregações religiosas é unir todos os membros no amor. É uma pena quando, em vez disso, a líder se torna uma promotora por excelência

do tribalismo, da mentalidade de filha da terra ou do racismo em pensamento, palavra e ação. Isso faz uma caricatura do Evangelho e dos conselhos evangélicos (Ezeani, p. 49). Uma vez que outros membros perceberem que a líder favorece suas próprias tribos / pessoas da cidade, isso pode acender um fogo de raiva e ressentimento que será difícil de apagar.

O amor e doação pródigo e altruísta é uma forma essencial pela qual a líder religiosa vive o voto de castidade no exercício de seu serviço de liderança. O poema do grande poeta sufi e místico Jalal al-Din Rumi capta de forma sucinta a essência desse amor altruísta de nossos irmãos e irmãs:

O amor é imprudente; não é razão.
A razão busca lucro.
O amor vem forte, consumindo-se, ousado.
No entanto, em meio ao sofrimento,

O serviço de liderança não trata das líderes; trata-se de servir a Deus em (e por meio) nossos irmãos e irmãs. Na obediência, a líder é chamada para ser uma serva, não mestra.

O amor procede como uma pedra de moinho,
superfície dura e direta.
Tendo morrido para o interesse próprio,
ela arrisca tudo e não pede nada.
O amor joga fora todo presente que Deus concede.

A Obediência de Cristo

Serva, não Mestre

O serviço de liderança não trata das líderes; trata-se de servir a Deus em (e por meio) nossos irmãos e irmãs. Na obediência, a líder é chamada para ser uma serva, não mes-

tra. Jesus reuniu seus discípulos e disse: "Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes dos gentios dominam sobre eles e seus altos funcionários exercem autoridade sobre eles. Não é assim com vocês. Em vez disso, quem quiser se tornar grande entre vocês deve ser seu servo, e quem quiser ser o primeiro deve ser servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir ..." (Mc 10,42-45). Este é um bom guia para a líder na prática do voto de obediência na função de liderança. Infelizmente, no contexto africano, observou-se que algumas comunidades insistem na obediência como "uma estratégia para exigir o cumprimento do status quo em todas as esferas da vida" (Nwagwu, 2017, p. 14).

Embora o voto de obediência enfatize apropriadamente a submissão à vontade da autoridade legítima, as leis da Igreja afirmam que isso seja feito por meio do diálogo, do senso de responsabilidade e da subsidiariedade. As líderes devem, portanto, convidar e acolher com maturidade a colaboração, sugestões e ideias dos membros. Elas devem mostrar respeito pelos direitos dos membros, igualdade em dignidade e oportunidade, e reconhecer a privacidade dos membros e a esfera pessoal de liberdade (Nwagwu, pp. 14-15). Ser líder não dá a ninguém o ímpeto de violar a privacidade dos membros, dar ordens sem diálogo ou simplesmente contorná-los em assuntos importantes que lhes digam respeito. As líderes devem estar cientes dos limites de sua autoridade e funcionar respeitosamente dentro dos limites. Por exemplo, quando um membro está doente, deve ser permitido que ele seja um parceiro ativo nas decisões relativas à sua saúde e tratamento. A líder deve tratá-los como outros adultos, em vez de tratá-los como crianças. Qualquer discussão com o pessoal médico deve envolver o membro em questão e não apenas a líder e o médico.

Quando os membros são respeitados e considerados em questões que os afetam diretamente, é provável que colaborem e estejam dispostos a viver sob autoridade. Inversamente, *"quando os superiores ultrapassam seus limites de autoridade, criam-se motivos para atos de indisciplina e insubordinação,* como oposição e resistência. Agir *ultra vires* (além de seu poder ou autoridade legal) é por si só indisciplina grosseira, negando o comportamento exemplar esperado." (Nwagwu, p. 15). Ajuda a lembrar-se constantemente de que "no Reino de Cristo, autoridade é serviço". (Constituições das Irmãs Missionárias do Santo Rosário, nº 80). A líder deve servir os membros de sua comunidade - não ser sua imperatriz.

Uso prudente de especialistas e profissionais externos

Qualquer organização que planeja bem geralmente desfruta de um funcionamento mais eficaz e não caótico. Um bom planejamento também reduz o estresse, tornando a vida e as tarefas mais administráveis. É verdade que ninguém pode dizer o que vai acontecer esta noite ou amanhã, mas o planejamento pode ajudar uma congregação a estar mais bem disposta e preparada para ajustes quando a vida traz alguns de seus desafios e surpresas! Existem especialistas nas áreas de formação de equipes, planejamento projetivo-futuro - finanças e pessoal, etc. Vale a pena recorrer a eles. Deve-se encorajar a abertura para o uso da experiência de profissionais, incluindo fiéis leigos ou leigas. Alguns irmãos e irmãs leigos que estão dispostos a fazer qualquer coisa que facilite e ajude homens e mulheres consagrados. Eles fazem isso por amor a Deus e à Igreja. Atualmente, em alguns países, as congregações empregam profissionais leigos para administrar suas finanças e aconselhar sobre investimentos, etc. No entanto, prudência

e sabedoria são altamente necessárias. A Santa Sé advertiu sabiamente que parâmetros estritos nesta área sejam estabelecidos se tal escolha for feita, visto que algumas congregações religiosas foram enganadas e seriamente prejudicadas por gerentes financeiros de grande desonestidade.

Escuta, Cooperação e Espírito de Equipe

Como líderes, a obediência apostólica pode ser vivida em cooperação com outros peregrinos na jornada. A tentação de seguir sozinho é real para os líderes de congregações. Um tipo de liderança de um homem ou de uma mulher em que a líder funciona sozinho e dá ordens aos outros deve ser verificado. Nesse modo de funcionamento, mesmo informações importantes não são compartilhadas e o conselho é privado do direito às informações necessárias e adequadas. Dessa forma, a líder pode parecer uma ditadora. Talvez ajude considerar o uso da nomenclatura "superiora" em relação às líderes religiosas. Questiona-se se isso cria inadvertidamente a impressão de que os demais membros são "inferiores". Onde há "superioras", tem que haver inferiores. É importante que a líder trabalhe com os membros do conselho como uma equipe. Isso pode ajudar a controlar a tendência humana de poder absoluto investido em uma pessoa. As Constituições de cada congregação são um bom guia para cada líder e todos os membros.

Para a líder, a obediência deve ser ouvir profundamente a voz do Espírito em sua vida na oração, na solidão e nos vários eventos e pessoas. Deus pode falar pela voz dos membros do conselho e de outras Irmãs e Irmãos. Às vezes, podem ser os membros mais novos ou postulantes que Deus pode usar para transmitir algumas mensagens de inspiração à líder. Por isso, é importante que a líder esteja sempre disposta e atenta aos impulsos do Espírito nas vivências do dia a dia. A humildade verificará a propensão ao controle numa líder. Liderança não é sobre controle. Em vez disso, está a serviço da graça imprevisível de Deus. O ex-líder da Ordem Dominicana, Timothy Radcliff (2005, p. 169), capta perfeitamente essa noção:

> Ninguém é dono da graça e pode ajustar seu acontecimento à sua agenda, especialmente o superior. O papel da liderança é garantir que ninguém tome posse da graça de Deus, nem os jovens nem os velhos, nem a esquerda nem a direita, nem o Ocidente nem qualquer outro grupo. Deus está entre nós como aquele que está sempre fazendo algo novo, e aqueles que estão na liderança geralmente serão os últimos a saber o que isso pode ser. Eles têm o papel de nos manter abertos às direções imprevisíveis em que Deus pode nos conduzir, pois como Deus diz em Isaías: "Eis que estou fazendo algo novo". Assim, liderança se mostrará ajudando nossas comunidades a correr riscos, a nem sempre buscar a opção segura, a confiar nos jovens, a aceitar a precariedade e a vulnerabilidade. Será para manter as janelas abertas para a graça imprevisível de Deus. Portanto, nesta cultura de controle, a Vida Religiosa deve ser um nicho ecológico de liberdade. Não é a liberdade de quem impõe sua vontade, mas de se render à permanente novidade de Deus.

Conclusão

A formação holística é essencial, especialmente com os inúmeros desafios enfrentados pelas líderes religiosas nos tempos atuais. As líderes de hoje devem ser elogiadas por aceitarem liderar nestes tempos desafiadores. Há motivos para acreditar que toda líder está fazendo o melhor que sabe. Aquele que chama as pessoas para a liderança sempre as agrada e as equipa bem para essa tarefa. Portanto, não há necessidade de ter medo.

As palavras de Jesus "Não tenham medo» (Mt. 28,10) não significam que a pessoa não tenha medo. Todo ser humano tem medo, e para aquelas que abraçam o chamado à liderança, o medo é em grande quantidade! "Não tenham medo" significa antes que não temos que ser o medo que sentimos. Não é bom liderar de um lugar de medo "gerando assim um mundo no qual o medo se multiplica" (Palmer, 2000, pp. 93-94). Lembre-se de que "Você é a luz do mundo". (Mt. 5:14). Dentro de você existem lugares de caridade, fé, esperança e confiança. Você pode escolher liderar a partir de um desses lugares promissores, em vez de medo e ansiedade. Ainda podemos sentir medo, mas ao sair desses lugares de promessa e esperança, podemos com segurança "firmar uma base que nos apoiará, uma base a partir da qual podemos levar outros em direção a uma maneira mais confiável, mais esperançosa e mais fiel de ser no mundo." (Palmer, 2000, p. 94). Como líderes, "a vossa luz deve brilhar diante dos outros, para que vejam a bondade em vós e louvem a vosso Pai Celestial" (Mt 5:16). Jesus não prometeu conforto. Ele prometeu fidelidade: "Eu estarei com você até o fim dos tempos" (Mt 28: 20b).

Líderes, não tenham medo! Deixe sua luz brilhar!

Para mais informações: https://bit.ly/BecomingIntercultural

Referências

Brown, B., *The Gifts of Imperfection (*Os dons da Imperfeição) – *Deixe para trás quem você pensa que você deveria ser e abrace quem você é – Seu Guia para uma vida na verdade,* Minnesota, Hazelden Publishing, 2010.

Catecismo da Igreja Católica, Paulines Publications-Africa, 1994.

CICLSAL, *O Serviço da Autoridade e da Obediência – Faciem tuam, Domine, requiram, Instruction*, Vatican City, Libreria Editrice Vaticana, 2008.

Edman, D., *Suas fraquezas são suas forças – Transformação do Ser através da Analise das Fraquezas Pessoais*, Chicago, Loyola University Press, 1994.

Ezeani, C. C., *Interculturalidade na Vida religiosa, Uma bênção em Cores Diferentes*, Abuja, Paulines Publications Africa, 2019.

João Paulo II, Exortação Apostólica Pós Sinodal**,** *Vita Consecrata*, Nairobi, Paulines Publications-Africa, 1996.

Nwagwu, M. G., '*Prática da Disciplina dentro das Comunidades no Contexto Africano; Especialmente Manuseio Indevido de Fundos, na Vida Consagrada e Direito Canônico,* UISG Boletim, Número 162, 2017, 11 - 24.

O'Donohue J., *Benedictus – Um Livro de Bênçãos,* London, Bantam Press, 2007.

Palmer, P. J., *Liderar a partir de dentro – Reflexões sobre a Espiritualidade e a Liderança*, Indiana, Campus Ministry and Lily Endowment Inc., 1990.

Palmer, P. J., *Deixe Sua Vida Falar – Escutar pela Voz da Vocação*, San Francisco, John Wiley & Sons, Inc., 2000.

Papa Francisco, Evangelii *Gaudium – A Alegria do Evangelho, Exortação Apostólica*, Londres, Catholic Truth Society, 2013.

Radcliff, **T.,** 'Vida Religiosa após 11 de setembro: Que sinais oferecemos?' em Paixão por Cristo, Paixão pela Humaniodade – *Atos do Congresso sobre a Vida Consagrada*, Nairobi, Paulines Publications, 2005.

Steindl-Rast, D., *Gratidão, o Coração da Oração – Uma abordagem de Vida em Plenitude*, Nova Iorque/Ramsey, Paulist Press, 1984.

Ukwuije, B. (2013) "Fé na África num contexto de Nova Evangelização", em *SEDOS Boletim*, Vol. 45, No. 9/10 de setembro e outubro de 211-221.

Leitura recomendada

Ezeani, C. C., *Enraizados em Cristo- Inspirações para a Formação Religiosa e Sacerdotal Contemporânea*, Iperu, Nigeria, Ambassador Publications, Missionary Society of St Paul, 2007.

Papa Francisco, *Fratelli Tutti*, 2020.

PARA SER UMA HISTÓRIA DA TERNURA DE DEUS

P. Carlos del Valle, SVD

Padre Carlos del Valle é missionário do Verbo Divino. Ele é Doutor em Teologia Moral e desde 1983, trabalhou no Chile e foi Director da Revista Testemunho. Em Junho de 2013, foi nomeado Reitor do Colégio San Pietro em Roma.

Original em Espanhol

Introdução

Na Vida Consagrada estamos nos movendo. Submersos em um discernimento que nos leva a novas periferias. Cresce a consciência da unidade, do encontro entre as pessoas consagradas e com os seres humanos. Vivemos apostando na relação, no encontro, na comunhão. Entendemos a vida como reciprocidade de dons, forma de criar fraternidade. Bem-aventurados aqueles que entraram no sonho de Deus, fazendo uma história de sua ternura. Existem duas forças que salvam o mundo e salvam os religiosos: a beleza e a ternura. A ternura é uma das faces da fraternidade.

Religioso é a pessoa que opta por colocar sua vida em Deus, centrada em Deus, configurada por Deus e doada a Ele. Pode-se ter valores claros, porém viver a partir de interesses e necessidades. Dissociação entre o que ela proclama e o que vive, entre o que vive e o que pensa que vive. A ilusão de ser saudável não significa ser saudável. Para olhar a realidade da Vida Religiosa que nos configura, mais do que os ideais que a inspiram, interessa o grau de adesão dos religiosos e das religiosas a esses ideais.

Nas nossas reflexões sofremos com palavras ligadas à vida, capazes de unir a autenticidade de quem as utiliza com as necessidades profundas de quem as recebe. Palavras que acariciam mentes e corações são raras. Palavras que abrem poros da pele, janelas da alma, para quebrar a distância entre as ideias e a vida. Falamos ao serviço da esperança, ouvindo homens e mulheres com ideias serenas, corações calorosos e olhos no horizonte. Não se trata de dizer coisas novas, mas de dizê-las com o coração, dando-lhes vida e uma marca do nosso tempo. Ouvir as lições com o coração permite que você dê lições aos estudiosos.

1. Imagem do Deus dos encontros

Nós, religiosos e religiosas, estamos acostumados a calcular, medir, analisar, raciocinar. É hora de sonhar. Para sonhar algo que não seja um narcisismo auto-referencial, você tem que ouvir a Deus e a vida. Se não ouvirmos, falaremos sem tocar o coração de ninguém. Com a sua vida Jesus conta-nos o sonho de Deus, de despertar o mesmo desejo que dorme dentro de nós, sedento de fraternidade.

O Evangelho é como as ondulações que uma pedra produz quando cai em uma piscina de água. O núcleo é Jesus, o rosto humano de Deus: mostra o modo de vida mais humano, morre na cruz como consequência de uma vida ao serviço do Reino e ressuscita. Vida, morte e ressurreição, onde Deus Pai, Filho e Espírito estão presentes. É o cerne da nossa fé. O resto são ondas concêntricas que amplificam essa verdade. Existe a Vida Consagrada como "confissão da Trindade", "sinal da fraternidade" e "serviço da caridade" (*Vita Consacrata*).

Jesus é o rosto humano de Deus e o rosto do homem como sonhou o coração de Deus. Não é uma mistura de Deus e ser humano. O interessante é o que ele tem de Deus, não tanto o que ele tem do homem. Jesus tem a mais alta qualidade humana possível. Em sua humanidade, ele narra Deus e lhe abre o caminho, mas Deus em Jesus não se faz genericamente homem, mas concretamente um homem pobre, humilde e comum. É difícil para nós reconhecer a maior grandeza humana: o Filho de Deus em um pobre ser humano. A vida de Deus contada na vida de um homem feito povo.

Em Jesus encontramos Deus, a nós próprios, a relação entre Deus e nós, o nosso destino e o caminho que conduz a Ele. Jesus é definido pelas relações: é de Deus e para os outros, sendo um deles e estando com eles. Vive descentrado de si mesmo, atrai a atenção para o Reino. Em Jesus, atrair é a arte de Deus. Segui-lo é ser atraído por ele para ser humano com sua humanidade. Não busquemos Deus além do humano. Toda experiência de Deus é válida se produz crescimento na humanidade.

O Evangelho não apenas nos ensina a sermos melhores; ensina-nos como é Deus na vida de Jesus. Enfatiza o que Jesus fez, como viveu, o que o preocupou, com quem ele se importava, seus relacionamentos com homens e mulheres. Suas palavras, atos, encontros, são luzes de sua humanidade. Jesus muda o nome de Deus. Ele o chama de Pai. Relaciona-se com ele como Pai. Conhecer a Deus não nasce do conhecimento, mas da experiência. Jesus é a presença viva e humanizada de Deus. O que ela oferece são relações que humanizam pela confraternização. As bem-aventuranças mostram como viver esses relacionamentos.

Existem duas formas de entender a vida: aquela que pensa sobre seus interesses, e que orienta suas decisões e comportamentos; e aquela cuja motivação principal é aproveitar a vida buscando a felicidade dos outros. Orientar os desejos com base na felicidade dos outros nos torna felizes. Deus reina na reorientação do desejo. Procuramos Deus no espetacular, e a maior revelação de Deus é onde o seu escondimento é mais denso: a Cruz, a nossa própria dor e a dor dos outros (a dor de Deus). Com a sua vida, Jesus revela que o centro da história está na margem. Encontrar Jesus é viver em função dele (e dos outros nos quais está presente), viver para ele (e para os outros) e viver como ele (e como quem se assemelha a ele).

Se dissermos que Deus se tornou humano, estamos dizendo que encontramos Deus no humano. Todos os dias chegam à terra do seu coração sementes de humanidade, palavras, gestos, encontros, que para crescer devem ser acolhidas nessa terra. Acolhendo-as

com ternura, cuidando e defendendo-as com energia, alimentando-as com sabedoria. Não nos preocupemos com a nossa fraqueza, mas em cultivar um grande amor, ideais fortes, profunda veneração pelas forças do bem, atenção, misericórdia, acolhimento, liberdade, justiça, paz ... sementes que Deus semeou em nós. O Evangelho não é apenas "pão para comer". Jesus quer que seja "fermento na massa".

Pai, Filho, Espírito: Deus por nós, Deus conosco, Deus em nós. A Trindade é relacionamento, união, encontro: nós-no-seio-de-Deus. Deus-Trindade é vocação da Vida Consagrada, uma comunidade de relações transformadas. Comunidade é outra palavra para construir fraternidade. Isso leva a estar juntos e em função dos outros. Experiência partilhada do Espírito na Igreja, que nos convida a passar de uma comunidade eclesiástica a um povo-Igreja. Hoje há leigos em uma Igreja clerical, não clérigos em uma Igreja leiga. A página da multiplicação do pão em Mc 6,35-44 descreve a Igreja: Jesus-discípulos-multidão, alimentando a vida, juntos e unidos, não por doutrinas ou normas, mas pelo pão e pela compaixão, ambos de origem divina.

A Trindade é uma vocação para criar laços. A coisa mais importante debaixo do sol são os laços. A vida tem sentido se sermos seres de comunhão, encontro, mãos unidas, pro-

A vida tem sentido se sermos seres de comunhão, encontro, mãos unidas, projetos compartilhados.

jetos compartilhados. A Trindade é um espelho do coração dos seres humanos e do significado do universo. Somos a imagem do Deus dos encontros. Acolher a Trindade não significa agarrá-la com o pensamento, mas ser atingido por ela, até ver no espelho o meu irmão, um discípulo, e dentro de mim o rosto de Cristo.

Acolher o Pai, fonte de vida, beleza e bondade, e acolher o irmão. Aceitar o Reino é viver de Deus e dos irmãos, com eles e para eles. Há religiosos que permitem que esse dinamismo transformador do Reino entre em suas vidas como uma bênção para todos. Bem-aventurados os religiosos que entraram no sonho de Deus. A Igreja oferece sua verdade não como um sistema de dogmas, mas como um caminho de ternura. Ternura é sensibilidade, atenção e cuidado. Religioso é aquele que realiza a verdade no amor. A verdade sem amor mata. O amor sem verdade é estéril. Pergunte a si mesmo se sua comunidade é uma elite de puros e resistentes ou uma caravana que recebe com ternura a dor e os questionamentos.

O Espírito não está no eu ou no você, mas no relacionamento eu-você, no nós. O outro, o diferente, vem como salvação. Enquanto houver alguém que veja as coisas de maneira diferente, saberei que minha forma de entender a vida é parcial. Da troca entre diversos, vem a fertilização. O Espírito fomenta diferenças e relacionamentos nos quais nos tornamos significativos uns para os outros. O fundamental na Igreja não é ser hierárquica ou democrática, mas sinodal, um conjunto de formas diferentes. Pluralidade, caravana em pistas diferentes, mas tudo a partir do centro, como os raios da roda.

Jesus não nos liberta do pecado para nos deificar; nos liberta de nossa desumanização para nos humanizar. Encontramos Deus por meio do caminho humano, não por meio de uma perfeição espiritualizada. A fé, antes das verdades, é um conjunto de convicções que produz um modo de vida. Você pode saber muito sobre Jesus sem acreditar Nele. Ancorados em uma suposta perfeição, podemos cair na intolerância, no julgamento e na

condenação. Deus nos salve do perfeito, a única coisa que eles conseguem aperfeiçoar é a paciência dos outros. O mundo diz que você tem que ser perfeito. O Espírito diz para você aceitar sua fraqueza, que os outros não precisam de você perfeito, mas coerente, humano. A criança tira o princípio de sua alegria do sentimento de desamparo. Confia na mãe. Sua vida está encerrada no sorriso de um olhar.

Você tem que passar da sinceridade para a verdade, como Pedro faz no Evangelho. "*Mesmo se todo mundo te abandonar, eu não abandono.*" Pedro é sincero, mas tem que se reconciliar com a sua verdade (nega três vezes): A verdade em Pedro é a sua fraqueza, somada ao olhar de perdão que Jesus lhe dirige. Ele abraça a sua própria fraqueza e a experiência do perdão (riqueza em Deus). Essa é a sua humanidade, com a qual se apresenta à tripla pergunta que Jesus lhe faz: Você me ama? Só assim Pedro pode apascentar o rebanho. Imaginemos um Pedro sem ter passado por esta experiência da sua verdade:

da fraqueza ao perdão de Deus. Seria um Pedro orgulhoso, cheio de si, insuportável, sem capacidade para acolher outros pecadores. Também não faltam estes "pedros" sinceros na Igreja, que não vivem na sua verdade.

2. É impossível olhar para o sol sem o rosto se iluminar

Quanta exposição ao sol de Deus é necessária para ter um coração unificado! A Vida Consagrada hoje tem orientações mais evangélicas. Não significa que nós religiosos vivamos melhor o Evangelho. A teologia não é mal explicada; é pouco vivida. Belo sonho e realidade medíocre, com o perigo de se habituar a uma mediocridade tolerável, *"nem fria nem quente*" (Ap. 3, 15). O termômetro não é o número, a idade, mas a qualidade de vida em dinamismo.

Sintomas preocupantes: rendição parcial, secularização interna, individualismo, busca de espaços que compensem a solidão e os vazios emocionais. Como o joio, o desencanto e a monotonia aumentam. Os níveis de pertença à Vida Consagrada situam-se nas periferias da existência. Com um certo "pedido de desculpas pelo declínio" devido ao empobrecimento das motivações. Quando as convicções são obscuras, os comportamentos se desfazem. Religiosos sem valores sólidos acabam no hedonismo. Se perdermos o centro integrador, cairemos no estresse, ativismo, falta de vida espiritual, pouca apreciação pela vida em fraternidade, desarmonia interior. Apegamos-nos a medicamentos que não prolongam a vida, mas retardam a morte.

Talvez tenhamos caído na mediocridade organizada. Há religiosos e religiosas que não passam de meros profissionais honestos ou muito centrados em si próprios, com uma vida incolor, inodora, insípida. A mediocridade hoje não tem nada a dizer à sociedade. Ninguém entra em uma casa fria e escura. Não precisamos de individualidades realizadas profissionalmente e ocupadas em compromissos espirituais inofensivos (Dolores Aleixandre). Com a alma profética enferma, os sonhos e as preocupações se diluem.

O vento do Espírito não deixa dormir o pó que nos acompanha. Precisamos de fermento de paixão profética e ousadia evangélica. Se a pessoa tem um centro, tudo o que está fora pode ser ancorado nele. Mas podemos estar sofrendo da síndrome de Samuel: ouvimos vozes e não vamos à verdadeira fonte. O Evangelho nos oferece o ícone do religioso hoje, não em Pedro caminhando sobre as águas em direção a Jesus, mas em Pedro prestes a afundar que clama ao Senhor "*salva-me*" e é agarrado por ele.

A vida não surge do nada; vem do coração de Deus. O cuidado, traduzido em serviços, não é suficiente. Precisamos cultivar uma vida do coração, expressa na escuta, na paciência, no dom, nos gestos de paz, na justiça, na dignidade. Ter coração significa saber dar o que precisa a quem tem vontade de viver: afeto, acolhimento, ternura. Aquilo que transforma o desencantado, derrete o inflexível, desafia aqueles que dizem que nada mudará, perturba os neutros, afasta os profetas da desgraça. Ele contém sementes capazes de destruir a indiferença.

Nada é transformado pelo Evangelho se não mudar os corações. Um coração possuído por uma fé confiante no Deus-Trindade e uma dedicação aos seres humanos, irmãos em Jesus. Nós, religiosos, não amamos os outros por Deus; Nós os amamos no amor de Deus, de onde nos uniu a Jesus. Podemos dar acesso ao coração do outro porque demos a Cristo o acesso ao nosso. Talvez pecamos por amor paterno e paternalista, sem chegar à experiência do amor fraterno.

O amor fraterno produz sentido na Vida Consagrada. É digno de fé e o que cria sentido.

O amor faz a vida criar sentido. O ser humano busca a transmissão de experiências significativas. É difícil para nós produzir sentido sem produzir normas. Produzimos sentido quando, como irmãos e irmãs, nos tornamos um lugar de encontro entre Deus e os seres humanos. O estilo de vida começa por ter um foco no qual se apoiar: a pessoa orientada para o Mistério.

"A vida era a luz dos homens e mulheres (Jo 1, 4). Se você quer ter luz, olhe para a vida, ouça. A vida do nosso mundo foi enxertada na vida de Deus, como o ramo e a videira com a mesma sabedoria, uma só coisa. A vida nos leva a uma terra sem ego, onde a semente divina está se desenvolvendo pacientemente. Como parte da vida, as pessoas nunca são um problema; elas são uma oportunidade. Olhe profundamente e verá pessoas que são especialistas em entrega, abnegação e alegria, que nos ensinam a pensar mais amplamente para amar de maneira mais profunda. Pessoas cujo contato nos impulsionam a ser melhores. Precisamos tê-los por perto para reabilitar entre nós uma linguagem de bondade. Gente que Deus coloca no nosso caminho para nos envolvermos com paixão não apenas em limitar a danos, mas para expandir as oportunidades de crescimento e testemunho, diferentes e novos.

Onde há vida doada, há luz. Existe o Espírito. Antes de querer transformar a vida, você tem que olhar, ouvir, reconhecer, curtir, agradecer. Na Vida Consagrada, os sinais que anunciam "por onde" caminhar não são tão interessantes. Em vez disso, interessam aos leitores da vida que são capazes de compreender e animar o "para quê". O nosso centro será sempre o seguimento de Jesus, vivido de forma mística, não apenas devocional, e a acolhida do Espírito na paixão pela vida, lugar da sua presença.

Percebe-se que a Vida Religiosa um tanto despreocupada por ser vida, por mais religiosa que pareça. Deslocada diante das profundas transformações da história. Em vez de cuidar dos outros, cuidamos de nós mesmos. Em vez de nos inserirmos no movimento da vida, onde habita o Mistério, nos fechamos, definindo e redefinindo uma suposta identidade carismática. Enferrujados em nossos hábitos, não respondemos aos pedidos de mudança. Viver é mudar; repetir-se é fossilizar. Para adquirir o tesouro, a relação com a Trindade e os irmãos, você tem que vender tudo. Para se definir como filho e irmão, é preciso deixar de se definir por separação, poder, sabedoria, honra, liderança, estados de perfeição ... e recuperar o gosto de ser povo.

Nosso estilo de vida está sujeito ao controle de qualidade. Temos que morrer para muitas realidades que nos prendem à ausência de Deus. Religiosos e religiosas que, respirando clericalismo, nos refugiamos no poder. O poder é como o álcool com o estômago vazio: faz girar a cabeça, fica tonto, perde o equilíbrio, leva a se machucar e a machucar os outros ... Quando o poder não cai sobre o estômago cheio de humildade e ternura. Com ternura e humildade, o poder se transforma em serviço e faz bem a si mesmo e aos outros. Sem humildade e ternura não podemos nos relacionar de forma humanizante. Jamais cresceremos com receitas de felicidade que não sejam as bem-aventuranças.

3. Comunidade: seio onde um novo futuro fermenta

"Marta e Maria", sujeito plural: o *nós* da fraternidade. Marta é a ajuda; Maria, a escuta. Marta, o ser-para; Maria, o ser-com. Marta é serviço; Maria, companhia. Precisamos ser ajudados e ouvidos. É gratificante ser ajudado, mas é mais gratificante ter alguém que ouve você. Para Jesus, o melhor é estar disponível para ouvir, dedicar tempo, atenção, interesse ao outro. Concentrar meu interesse no interesse do outro, em sua necessidade, preocupação, desejos. Alimentamo-nos uns dos outros, na escuta e na fala, no silêncio

e na conversa, na dádiva e na apreciação. Jesus não tolera mulheres sendo presas a um papel de serviço. Como a Igreja mudaria se a hierarquia chamasse as mulheres, como verdadeiras irmãs, para compartilhar pensamentos, horizontes, sonhos, emoções, papéis, conhecimento, sabedoria.

Há um movimento forte de relacionamento, diálogo, consenso. E outro voltada para a diferença: pessoas e grupos defendem sua identidade. Somos assombrados pelo sonho de uma humanidade plural e harmoniosa. Respiramos cultura de relacionamento com o outro. A cultura do encontro permeou a Vida Consagrada, que sempre terá futuro se cultivar as relações. Nos encontros pessoais, os corações se abrandam. Permitem a transformação da identidade, assumindo identificação evangélica.

O que muda a vida de uma pessoa são os encontros, não as ideias. Se mudamos pouco, é porque encontramos pouco. Jesus cria comunidade criando encontros. Comunica o

Espírito, a energia de fraternidade. Dilema nos seguidores: grupo sectário ou embrião de povo fraternal? Nossa utopia para o futuro se chama comunidade: um tesouro no qual colocar nossos corações. *«Onde está o teu tesouro, aí está o teu coração»* (Mt 6,21).

Acredita-se na comunidade e a ela se pertence. Há quem dá com alegria, e a alegria é sua recompensa. Deus dá alegria a quem produz amor. A nossa tarefa: estar na comunidade *gaudium et spes*. Comunidade não é dever, é prazer. Não estamos tão ocupados em refazê-la, mas em amá-la e cuidar dela. Estar atento às necessidades dos irmãos e dialogar, consolar, corrigir, curar feridas, sugerir caminhos, agradecer, entusiasmar, superar as lutas clericais. Na vida comunitária não há receitas, mas sim dedicação, entrega, afeto, carinho e muito trabalho artesanal. A vida da comunidade é jogada "no verde", a rotina diária do tempo comum. Podemos transformá-la em um labirinto, quando desprezamos o cotidiano e tornamos o simples uma complicação.

A comunidade é um jardim ameaçado pela indiferença, individualismo, bocejos de tédio e pesadelos de medo. Não podemos construir um mundo diferente com pessoas indiferentes. O Evangelho é um fogo que queima a tranquilidade. Comprometidos com a guarda do jardim, como os camponeses, semeamos com confiança, e crescerá uma coisa bela: um grupo de irmãos, amigos no Senhor, felizes por estarem juntos. Com amigos é mais fácil ser homem ou mulher de Deus. A amizade com amigos de Deus nos permite desfrutar de Deus. Resgatemos em cenas cotidianas encontros de fraternidade entre amigos no Senhor. A comunidade é uma extensão de uma história de amor recebida ou um fardo para carregar em nossas limitações. Para construir a fraternidade, é preciso fazer uma experiência de Deus.

O mais difícil e exigente na vida são as relações humanas: saber viver e conviver com os outros. Lá você pode ver a qualidade de uma pessoa e a densidade de um projeto. Os

Há religiosos que permitem que esse dinamismo transformador do Reino entre em suas vidas como uma bênção para todos. Bem-aventurados os religiosos que entraram no sonho de Deus.

irmãos são reconhecidos como irmãos quando se referem ao pai / mãe. Na comunidade religiosa nos reconhecemos convocados ao redor do Pai. Isso nos faz sentir como uma família. «*Vós sois o corpo de Cristo*» (1 Cor 12, 27): identidade primária das nossas comunidades. A razão de ser de uma comunidade é viver coesamente em torno do mistério da fé. A Vida Consagrada nada ganha resaltando o específico, mas aprofundando o evangélico. Este não é o momento de colocar a sobrevivência antes da consistência. Quantas iniciativas são sufocadas pelo estresse de sobreviver.

Jesus contagia a beleza porque vive de Deus e para os outros. A beleza de um coração limpo voltada para os outros. Alguém tão humano que só o Filho de Deus pode ser. A base da nossa fraternidade é viver unidos em Jesus. Comunidade é a busca por aqueles que são apaixonados por Deus e pelo homem. Os religiosos e as religiosas se unem para formar a fraternidade. A primeira coisa é ser irmão / irmã. Presente que compartilhamos

na comunidade e difundimos na missão. Seguir Jesus é uma experiência de encontro com Ele e uma experiência de comunidade. Alegria e felicidade, não só porque a pessoa encontra Jesus, mas também porque o encontra na comunidade daqueles que o seguem. Seguir é viver em comunidade de seguidores, onde a vida em comunidade é a recompensa humana de que o sujeito precisa.

O bom vinho também pode acabar no vinagre. Sofremos forças centrífugas que causam dispersão, paralelismo em vidas e desconexão em projetos. Sofremos silêncios dolorosos que alimentam o desejo de descer daquele trem. Relacionamentos verticais que produzem comunidades de solidão acumulada. Pessoas que moram juntas e navegam separadas. Elas podem até eleger um incendiário como chefes dos bombeiros. São experiências que alimentam a crise como "especialidade da casa".

Não vamos olhar para a Vida Consagrada como ela é, nos perguntando por quê? Vamos ver como ela poderia ser, nos perguntando por que não? Um bom líder lidera a partir do futuro que emerge, com uma visão a longo prazo e a porta da esperança sempre aberta. O Espírito não desperta saudade, mas esperança. O melhor clima para ter esperança é a proximidade com os pobres. A união com Deus tem duas características: bom relacionamento com os outros e a solidariedade com os mais fracos. Vamos tentar descobrir as chaves fraternas do século XXI; formas de construir a comunidade como espaço de pertença e realização pessoal. Será uma fraternidade mística, que surge quando os dinamismos da fé moldam a convivência e os desejos compartilhados.

Não nos empenhemos em manter o que existe. Queremos criar um futuro possível, enchendo com o Evangelho a Vida em comunidade. Quando carecemos de ideais, nos contentemos com os feitos. Um pássaro ferido não pode voar, mas um pássaro que se agarra a um galho de árvore também não pode voar. A importância dada ao futuro revela vitalidade na pessoa e na comunidade. A saudade do passado consola, mas não constrói. Não se trata de comunidade referindo-se a um estilo estável, organizado e desatualizado, sustentado pela vitalidade de quem não pode mudar. Amamos o Evangelho e seus resultados fracos. Acreditemos na comunidade imperfeita e a amemos. Amemos uma comunidade de sedentos e insatisfeitos. Somos autênticos quando vivemos em nossas fraquezas e as compartilhamos na amizade. Os relacionamentos humanos são nossa força e nossa fraqueza. Quando esses relacionamentos lhe oferecerem um limão, esprema-o e faça uma limonada.

VIDA NA UISG

Ir Patricia Murray, IBVM

Secretária Executiva da UISG

Do escritório da Secretária Executiva

Durante estes últimos meses, vários eventos significativos foram realizados na UISG. No final de janeiro, a UISG ofereceu um workshop de capacitação sobre a interculturalidade para equipes de Irmãs da região ACWECA (Associação de Conferências de Mulheres Religiosas da África Oriental e Central). Este workshop estava programado para acontecer em Nairobi em julho de 2021, mas foi adiado devido à pandemia da Covid. Cada membro da Conferência de Religiosas da ACWECA foi convidada a selecionar uma equipe de Irmãs para participar deste programa de capacitação de multiplicadoras do programa. Mais de 100 Irmãs se inscreveram e se reuniram em grupos, em locais selecionados, onde tinham a certeza de ter uma boa e estável conexão de internete. A equipe de assessoria incluiu Ir. Sia Temu MM, Pe. Tim Norton SVD (recentemente nomeado Bispo Auxiliar de Brisbane), Ir. Paula Jordaó VDMF e Ir. Pat Murray IBVM. A estrutura do programa foi interessante. Todas as manhãs houve uma apresentação seguida de discussão em grupo e uma animada sessão plenária. À tarde, as participantes foram convidadas a assistir a um vídeo sobre um tópico específico e a participar de uma discussão em grupo. Embora fosse, obviamente, preferível encontrar-se pessoalmente, essa metodologia funcionou, excepcionalmente, bem. Os temas abordados foram os seguintes:

- Interculturalidade: terminologia e definições
- Interculturalidade & Vida religiosa na África / Caminhada Intercultural de Jesus
- Vida Comunitária Intercultural/ Caminhada Intercultural da Igreja Primitiva
- Visão de Mundo Africana e Interculturalidade / Sócio- & Individual-Centrismo; Poder-Distância
- Personalidade & Cultura / Interculturalidade & Espiritualidade;

Carisma Congregacional
- Liderança, Votos e Interculturalidade / Pistas de Ação

Os membros da equipe e especialistas da África foram os conferencistas, o que garantiu que as perspectivas apresentadas fossem locais e globais. Esperamos oferecer outros momentos de capacitação adicional, durante 2022 ou início de 2023.

Uma segunda iniciativa importante, iniciada em 2022, concentrou-se no cuidado de Irmãs que vivem com Alzheimer. Esta é uma iniciativa conjunta da LCWR (Conferência de Liderança de Mulheres Religiosas – EUA) e UISG financiada pela Fundação Conrad N. Hilton. Foi estabelecido um comitê internacional que, rapidamente, determinou que o objetivo desta iniciativa deveria incluir todas as formas de comprometimento cognitivo. Esta iniciativa será lançada formalmente no dia 9 de maio durante a reunião do Conselho de Delegadas. Duas webinars também foram oferecidas para determinar o tipo de apoio necessário em todo o mundo para garantir que as Irmãs que estão envelhecendo possam viver uma vida plena e saudável. Essas webinars ajudarão a determinar as necessidades em várias partes do mundo para fazer o melhor uso do financiamento no futuro.

A Secretária Executiva, como membro da Comissão Sinodal de Espiritualidade, tem participado regularmente das reuniões do Escritório do Sínodo. Esta Comissão tem três grupos de trabalho - um dos quais desenvolveu os Recursos Bíblicos para a Sinodalidade. O acesso pode ser feito através do seguinte link: https://www.synod.va/en/resources/spiritual-and-liturgical-resources.html. O site do Sínodo contém vários documentos e recursos oficiais em diferentes línguas. O site é constantemente atualizado, portanto, favor registrar-se para receber o boletim sinodal para acompanhar os desenvolvimentos. Atualmente o grupo de quatro teólogos/as que representam a UISG e a USG estão lendo e refletindo sobre as centenas de contribuições recebidas das Superioras/es Gerais e seus Conselhos. O grupo preparará uma síntese para apresentar ao Sínodo e também oferecerá algumas perspectivas teológicas para uma maior reflexão em nível congregacional. Este é um passo importante em nossa caminhada sinodal, como religiosos e religiosas, à medida que procuramos nos engajar neste processo "de discernimento espiritual, de discernimento eclesial, que se desdobra em adoração, em oração e em diálogo com a palavra de Deus... Essa palavra nos convoca ao discernimento e traz luz a esse processo". (Papa Francisco, 10 de outubro de 2021).

Os primeiros passos da Assembleia da UISG aconteceram em 14 de março e 4 de abril. Estes foram encontros on-line que se concentraram no tema da Assembleia - Abraçar a Vulnerabilidade na Caminhada Sinodal. Na primeira reunião, as participantes compartilharam sobre o que o tema significava para elas pessoalmente. Os frutos da escuta reflexiva em grupos foram então compartilhados em padlet (panfletos) e algumas vozes foram ouvidas de diferentes partes do mundo, em diferentes idiomas. A Ir. Jolanta Kafka rmi, Presidente da UISG, partilhou sobre a visão do Conselho Executivo na escolha deste tema.

Na segunda sessão, Pe. James Hanvey, SJ, falou sobre *Dimensão*: *Uma Espiritualidade para uma Igreja Sinodal.* Em sua fala, o Pe. Hanvey delineou um aspecto chave do contexto de hoje que impacta a Igreja. Ele apontou o que está surgindo que é novo:

- A recuperação da Trindade como vida e estilo da Igreja
- Uma Igreja sinodal em missão (missão interior e para o mundo)
- Uma Igreja vulnerável e alegre

- A plenitude do Povo de Deus: o reconhecimento de todos os dons/carismas
- Espiritualidade da sinodalidade - renovar a vida eclesial do Espírito: um modo de ser e de se tornar
- Atender às margens - expandir nossa vida eclesial
- Conversão: "o amor de Cristo nos impulsiona" 2Cor 5,14: Conversão institucional - poder em serviço.

E assim, enquanto nos preparamos para nossa reunião de maio, rezamos com o Papa Francisco:

Venha o Espírito Santo. Você inspira novas línguas e coloca palavras de vida em nossos lábios: impeça-nos de nos tornarmos uma "Igreja museu", bela, mas muda, com muito passado e pouco futuro. Venha entre nós, para que nesta experiência sinodal não percamos nosso entusiasmo, diluamos o poder da profecia, ou fiquemos em discussões inúteis e improdutivas. Venha Espírito de amor, abra nossos corações para ouvir a sua voz! Venha, Espírito de santidade, renove o que é santo. E o povo fiel de Deus! Venha, Espírito Criador, renove a face da terra! Amém.

PESSOAL DA UISG

SECRETARIADO	**Sr. Patricia Murray, ibvm** Secretária Executiva	segretaria.esecutiva@uisg.org 0668.400.236
	Sr. Mary John Kudiyiruppil, SSpS Vice-Secretária Executiva	vice.segretaria@uisg.org
	Rosalia Armillotta Assistente da Secretária Executiva	ufficio.segreteria@uisg.org 0668.400.238
FINANÇAS	**Aileen Montojo** Administradora de Finanças	economato@uisg.org 0668.400.212
	Sr. Sunitha Luscious, zsc Assistente Administradora de Finanças	
	Patrizia Balzerani Secretária Membership	assistente.economato@uisg.org 0668.400.249
COMUNICAÇÃO	**Patrizia Morgante** Responsável de Comunicação	comunicazione@uisg.org 0668.400.234
	Sr. Thérèse Raad, sdc Escritório de Comunicação (Voluntária)	assistente.comunicazione@uisg.org 0668.400.233
	Antonietta Rauti Coordinadora de Boletim UISG	bollettino@uisg.org 0668.400.230
SERVIÇOS	**Svetlana Antonova** Assistente Técnica Serviços Gerais	assis.tec@uisg.org 0668.400.250
	Riccardo Desai Assistente técnico para computadores	tecnico@uisg.org 0668.400.213
PROJECTOS	**Sr. Florence de la Villeon, rscj** Projecto Migrantes	rete.migranti@uisg.org 0668.400.231
	Sr. Gabriella Bottani, smc Coordinadora "Talitha Kum"	coordinator@talithakum.info 0668.400.235
	Sr. Mayra Cuellar, mb Talitha Kum Database	
	Sr. Mary Niluka Perera, sgs Catholic Care for Children International	ccc@uisg.org 0668.400.225
	Claudia Giampietro Office for Care and Protection	safeguarding@uisg.org 0668.400.225
	Sr. M. Cynthia Reyes, sra Coordinadora Programa Formação UISG	formators.programme@uisg.org 0668.400.227
	Sr. Paula Jordão, vdmf Formation Coordinator	formation@uisg.org 0668.400.245
	Giulia Oliveri Grant Manager	gm@uisg.org 0668.400.229
	Consiglio Canoniste	canoniste@uisg.org 0668.400.223